



## **ACADEMIA MILITAR**

### ***Novos treinos de equipas cinotécnicas: vantagens e inconvenientes***

**Autor: Aspirante de Infantaria José Manuel Moniz Cunha**

**Orientador: Coronel de Infantaria Duarte Costa**

**Coorientador: Coronel de Artilharia Luís Henriques**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, agosto de 2013**



## **ACADEMIA MILITAR**

### ***Novos treinos de equipas cinotécnicas: vantagens e inconvenientes***

**Autor: Aspirante de Infantaria José Manuel Moniz Cunha**

**Orientador: Coronel de Infantaria José Duarte Costa**

**Coorientador: Coronel de Artilharia Luís Henriques**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, agosto de 2013**

---

## **Dedicatória**

Aos meus pais e irmãos que em tudo me apoiaram.

---

## **Agradecimentos**

Na realização deste Trabalho de Investigação Aplicada, registo os mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram e contribuíram para que ele se tornasse uma realidade.

Ao orientador, Coronel José Duarte Costa, comandante da Escola de Tropas Paraquedistas, pela sua disponibilidade em orientar esta minha investigação, pela preocupação em recolher e esclarecer a informação necessária sobre a cinotécnica e pelo tempo despendido em esclarecer todas as dúvidas que foram surgindo ao longo do trabalho.

Ao coorientador, Coronel Luís Henriques, comandante do Regimento de Artilharia nº4, pelo seu contributo pessoal, pelas advertências oportunas e pelas correções efetuadas na redação do trabalho, bem como pela sua preocupação constante no decorrer da investigação.

Ao primeiro-sargento Samuel Batista e ao primeiro-sargento Alexandre Bragança, assim como a toda a secção cinotécnica da Escola Tropas Paraquedistas, que demonstraram sempre disponibilidade para ajudar a resolver todas as questões.

Ao Grupo de Intervenção Cinotecnico da Guarda Nacional Republicana, pela informação que disponibilizou para enriquecer o presente trabalho.

Ao Tenente-coronel Luís Calmeiro, pela atenção despendida, pela constante preocupação no decorrer da investigação e pela entrega atempada dos documentos solicitados.

Ao primeiro-sargento Pentrisco, do Regimento de Lanceiros nº2, pela partilha de situações verídicas das equipas cinotécnicas que contribuíram para um maior enriquecimento da investigação.

Aos meus pais, José Cunha e Madalena Moniz, e irmãs, Ana Filipa e Maria Francisca, pelo carinho, amor e compreensão que sempre me proporcionaram neste longo caminho, apoiando-me nos momentos mais difíceis.

À Academia Militar que, dentro das suas possibilidades, me proporcionou as melhores condições de aprendizagem e formação.

---

Aos camaradas do meu curso de Infantaria, que estiveram comigo nos melhores e nos piores momentos, sempre dispostos em auxiliar, fosse qual fosse a situação.

---

## Resumo

O presente trabalho de Investigação Aplicada incide sobre o tema Novos treinos de equipas cinotécnicas: vantagens e inconvenientes, ponto de partida para o levantamento de questões que pretendem clarificar o contributo que as equipas cinotécnicas poderão trazer para o exército.

O objetivo desta investigação consiste em identificar as vantagens e desvantagens do treino de equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento, bem como a sua aplicabilidade nos batalhões de tropas paraquedistas.

Assim, este trabalho encontra-se dividido em duas partes essenciais: a primeira, com uma componente teórica fundamentada numa revisão bibliográfica; a segunda, mais prática, contém a metodologia e os procedimentos, a apresentação dos resultados com a respetiva análise e discussão e, por fim, as conclusões.

A metodologia utilizada foi baseada no “Manual de Investigação em Ciências Sociais”, de Raymond Quivy e LucVanCampenhoudt, na “Metodologia da Investigação, Guia para Auto-aprendizagem”, de Hermano Carmo e Manuela Ferreira, e no “Manual de Investigação em Educação”, da autoria de Bruce Tukman.

Os resultados foram conseguidos através de entrevistas semiestruturadas com perguntas iguais para os entrevistados e analisadas *a posteriori*. A discussão dos resultados foi realizada de acordo com a pesquisa bibliográfica e os resultados obtidos.

Como principais conclusões deste trabalho de investigação podemos afirmar que o treino de equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento traz inúmeras vantagens na realização das mais diversas tarefas, quando aplicadas pelos batalhões paraquedistas. No entanto, a falta de efetivos nestas unidades, tal como a não rentabilização das suas capacidades no Exército Português, faz com que o treino destas equipas não seja o mais eficaz ou proveitoso.

**Palavras-chave:** Treino; Equipas Cinotécnicas; Capacidades; Exploração/esclarecimento; Paraquedistas

---

## Abstract

This Applied Research work focuses on the theme of new training of Working Dog teams: Advantages and Disadvantages, the starting point for raising questions in order to clarify the contribution that Working Dog teams may bring to the army.

The goal of this research is to identify the advantages and disadvantages of training Working Dog teams reconnaissance and clarification as well as its applicability to the battalions of paratroopers.

This work is divided into two main parts; the first component is more theoretical, based on a review of the literature, a second component containing the most practical methods and procedures, the respective presentation with analysis and discussion of the results and order of conclusions.

The methodology used for this study was based on the "Handbook of Research in Social Sciences" Raymond Quivy and Luc Van Campenhoudt on "Research Methodology, Guide to Self-learning" HermanoCarmo and Manuela Ferreira, and "Handbook of Research Education "authored by Bruce Tukman.

The results were obtained through semi-structured interviews with the same questions to respondents and their analysis retrospectively. The discussion is carried out according to the results obtained and the literature.

As main conclusions about the research we can say that the training of Working Dog teams reconnaissance/clarification bring numerous advantages in carrying out several tasks when applied to the parachute battalions. However, the lack of effective use in these units, as well as the non-profitability of its capabilities in the Portuguese army, makes the training of these teams not the most effective or beneficial.

**Keywords:** Training; Working Dogs teams; Capabilities; Reconnaissance/Clarification; Parachute

---

## Índice geral

### Conteúdo

Dedicatória .....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract .....	v
Índice geral.....	vi
Índice de gráficos .....	ix
Índice de tabelas .....	x
Índice de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos .....	xi
<b>Capítulo 1</b> .....	1
Introdução.....	1
1.1. Enquadramento / Contextualização da investigação .....	1
1.2. Justificação do tema.....	2
1.3. Objetivos.....	2
1.3.1. Problema de investigação e questões derivadas .....	3
1.4. Hipóteses .....	3
1.5. Metodologia.....	4
1.6. Estrutura do trabalho .....	5
<b>Capítulo 2</b> .....	6
Revisão de literatura.....	6
2.1. O cão.....	6
2.2. Proveniente do lobo .....	7
2.3. Treino de binómios.....	8
2.4. Utilização nas Forças Armadas .....	10



---

2.4.1. Marinha.....	12
2.4.2. Exército.....	12
2.4.2.1. Paraquedistas .....	13
2.4.2.2. Polícia do Exército .....	13
2.4.3. Força Aérea.....	14
2.5. Na atualidade .....	14
<b>Capítulo 3</b> .....	17
Metodologia e procedimentos .....	17
3.1. Introdução .....	17
3.2. Método de abordagem ao problema .....	17
3.3. Técnicas, procedimentos e meios utilizados.....	21
3.4. Amostragem .....	26
3.5. Conclusão .....	27
<b>Capítulo 4</b> .....	28
Apresentação, análise e discussão de resultados .....	28
4.1. Introdução .....	28
4.2. Análise dos resultados .....	28
4.3. Discussão de resultados .....	40
4.4. Conclusão .....	42
<b>Capítulo 5</b> .....	44
Conclusões e recomendações .....	44
5.1. Introdução .....	44
5.2. Verificação das hipóteses de investigação.....	44
5.3. Resposta às questões derivadas .....	45
5.4. Resposta à questão central .....	46
5.5. Limitações à investigação.....	47
5.6. Propostas e recomendações .....	48

---

---

<b>Bibliografia</b> .....	49
<b>Apêndices</b> .....	I
Apêndice A – Guião de entrevista: .....	I
Apêndice B – Lista de entrevistados: .....	IV
<b>Anexos</b> .....	V
Anexo A – Procedimento científico .....	V

## Índice de gráficos

### Gráficos

Gráfico 1 - Apresentação dos resultados da questão n.º 1.....	30
Gráfico 2 - Apresentação dos resultados da questão n.º 2.....	31
Gráfico 3 - Apresentação dos resultados da questão n.º 3.....	31
Gráfico 4 - Apresentação dos resultados da questão n.º 4.....	32
Gráfico 5 - Apresentação dos resultados da questão n.º 5.....	33
Gráfico 6 - Apresentação dos resultados da questão n.º 6.....	33
Gráfico 7 - Apresentação dos resultados da questão n.º 7.....	34
Gráfico 8 - Apresentação dos resultados da questão n.º 8.....	35
Gráfico 9 - Apresentação dos resultados da questão n.º 9.....	35
Gráfico 10 - Apresentação dos resultados da questão n.º 10.....	36
Gráfico 11 - Apresentação dos resultados da questão n.º 11.....	37
Gráfico 12 - Apresentação dos resultados da questão n.º 12.....	37
Gráfico 13 - Apresentação dos resultados da questão n.º 13.....	38
Gráfico 14 - Apresentação dos resultados da questão n.º 14.....	39
Gráfico 15 - Apresentação dos resultados da questão n.º 15.....	39

## Índice de tabelas

### **Tabelas**

Tabela 1 - Tipos de estrutura social .....	8
Tabela 2 - Situações de uso potencial de cães militares.....	11
Tabela 3 - Cronograma de investigação .....	21
Tabela 4 - objetivos específicos .....	25

## **Índice de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos**

ETP	Escola Tropas Paraquedistas
QD	Questões Derivadas
NEP	Normas de Execução Permanente
TO	Teatro de Operações
VIP	<i>Very Important People</i>

## Capítulo 1

### Introdução

#### 1.1. Enquadramento / Contextualização da investigação

A temática que a presente investigação pretende estudar é o conjunto de vantagens da utilização de equipas cinotécnicas como fator multiplicador do potencial de combate e de eficácia numa operação militar. Assim, com o treino adequado, será possível adicionar equipas cinotécnicas esclarecedoras e de exploração aos batalhões de paraquedistas, com a finalidade de aumentar a sua eficácia em combate.

Posteriormente à extinção do serviço militar obrigatório em Portugal, verificou-se uma redução muito elevada no número de soldados para servirem as Forças Armadas Portuguesas, tendo como consequência a diminuição do nível operacional de inúmeras unidades, estabelecimentos e órgãos. Esta restrição teve maior impacto no Exército, devido à maior dimensão deste ramo em relação aos outros.

Deste modo, a limitação do número de homens a prestar serviço no Exército, a acrescentar ao surgimento de novas ameaças, de que são exemplo os níveis de segurança, leva ao uso de cães militares. A decisão de utilizar o cão militar em missões de patrulhamento e de segurança de perímetro (com média ou grande dimensão geográfica) é cada vez mais uma opção a ter em conta.

A partir do trabalho de Mead (1907, cit. in(Greenebaum, 2010)) pode-se concluir que os cães não possuem livre arbítrio, apenas reagem à vontade humana, facto que não lhes permite utilizar as habilidades de tomada de decisões.

A pesquisa de Sanders (1999) sobre treinadores de cães-guia declara que os cães são animais considerados quer como "objetos" que servem para proteger e ajudar, quer como "companheiros" com quem se interage e desenvolve um vínculo emocional (Sanders, 2006). A sua pesquisa destaca como o processo de treino de cães-polícia reproduz a ambiguidade com que se encaram os cães, em geral. Eles tornam-se objetos ou ferramentas, ao mesmo tempo que participam em relacionamentos significativos: "De um modo geral, a nossa ambivalência sobre os animais deriva de vê-los, por um lado, como

objetos a serem utilizados ou, por outro lado, como seres individuais com os quais se pode ter uma relação social autêntica”(Sanders, 1999, p. 108).

## **1.2. Justificação do tema**

Desde há muito tempo que os animais são utilizados no Exército, com melhor ou pior preparação, o facto é que eles se têm vindo a mostrar-se como uma fonte de rentabilidade e sucesso nas operações. A preparação e a promoção de treino específico de equipas cinotécnicas podem revelar-se um importante passo na introdução destas equipas nos batalhões operacionais.

Durante a presente investigação, foram desenvolvidos conhecimentos sobre esta problemática, através de graduados colocados na ETP com os quais se podem obter informações acerca do modo como é administrada a formação e alguns documentos sobre o mesmo tema. Deste modo, o estudo visa analisar as equipas cinotécnicas no Exército e o seu aproveitamento operacional.

As excecionais particularidades do cão, tais como a audição, o olfato, a agilidade e as suas capacidades de obediência e de aprendizagem, sempre despertaram o interesse do homem e o levaram a valorizar este animal para fins militares. Tal facto tem sido admitido ao longo dos anos e, assim como as táticas e as estratégias de combate ao crime têm evoluído, também a utilização militar dos cães tem passado por transformações sucessivas.

Atualmente, a aplicação do cão nas mais diversas áreas militares é vista pela maioria dos exércitos do mundo como imprescindível nos teatros de operações, constituindo-se como uma mais-valia, quer para o sucesso dessas operações, quer para erguer o moral e o estado psicológico das tropas. Em Portugal, o uso de cães militares está regulamentado na Diretiva n.º 25/2000, do vice-chefe do estado-maior do exército, que recomenda a existência de cães e a utilização das suas habilidades específicas, designadamente em patrulhas, buscas e deteção de narcóticos (Exército, 2009).

## **1.3. Objetivos**

O presente estudo pretende, dar a conhecer uma nova perspetiva acerca do uso de cães militares e chamar a atenção para a necessidade de se ampliar o seu emprego efetivo e

---

as suas utilizações operacionais. Importa também realçar o mérito do seu desempenho, muitas vezes comprovado como uma mais-valia para o Exército e para a própria nação, pois um cão substitui diversos membros efetivos, rentabilizando, assim, os recursos.

Deste modo, os objetivos que se propõem para este estudo são os seguintes:

- Identificar as principais vantagens e desvantagens na adaptação do treino de equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento e a sua aplicabilidade nos batalhões paraquedistas;
- Clarificar se este treino pode ser aproveitado para as várias unidades do Exército, com equipas cinotécnicas ou outras em atividades operacionais.

### **1.3.1. Problema de investigação e questões derivadas**

Neste trabalho procuramos uma resposta à seguinte questão central:

*Quais as principais vantagens e inconvenientes na criação de equipas cinotécnicas especializadas?*

A partir desta surgem as questões derivadas, nomeadamente:

QD1: Que impactos advêm da criação de equipas de exploração/esclarecimento?

QD2: Este tipo de equipa cinotécnica terá capacidade para participar numa operação?

QD3: Será que podem ser utilizadas por várias unidades do Exército, para além da sua aplicabilidade aos batalhões paraquedistas?

### **1.4. Hipóteses**

Perante as questões identificadas, formularam-se as seguintes três hipóteses:

H1: Uma equipa cinotécnica possui capacidade superior para deteção através dos sentidos.

H2: As equipas cinotécnicas podem facilitar o sucesso de uma operação.

H3: A instrução pode ser conjunta e a manutenção da equipa será efetuada, posteriormente, na respetiva unidade.



## 1.5. Metodologia

A realização deste trabalho de investigação assenta num objetivo geral - “Identificação das principais vantagens e desvantagens na adaptação de treino de equipas cinotécnicas” -, com especial atenção à eficácia na resolução de situações problemáticas nos batalhões paraquedistas. Os objetivos definidos assentam na capacidade dos animais poderem atuar de forma precisa perante determinadas situações, complementando a ação do homem. Segundo a metodologia de investigação em ciências sociais, o procedimento científico encontra-se dividido em três fases: a rutura, a construção e a verificação. O conjunto destas fases engloba sete etapas.

A rutura “consiste precisamente em romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreender as coisas” (Quivy&Campenhoudt, 1995, p. 25). A construção representa para o investigador a “construção mental em que ele pode prever qual a aparelhagem a instalar, as operações a aplicar e as consequências que logicamente se devem esperar no termo da observação” (Quivy&Campenhoudt, 1995, p. 25). Por fim, a terceira fase, a da verificação, na qual, segundo estes autores, a “preposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos fatos” (**Anexo I**).

Como anteriormente foi dito, o procedimento científico está dividido em etapas. Na rutura encontra-se a etapa um, que corresponde à pergunta de partida e remete, por seu turno, para a etapa dois, a exploração. Uma vez completa, reenvia para a etapa três, a problemática, a qual termina a rutura e dá início à construção. Segue-se a etapa quatro, a construção do modelo de análise que, uma vez terminada, inicia o ato da verificação. A etapa cinco, a observação, precede a etapa seis, a análise das informações, e, por fim, a etapa sete que apresenta as conclusões.

Seguindo a metodologia proposta por Quivy, apresenta-se, agora, a pergunta de partida deste trabalho de investigação científica: *Quais as principais vantagens e desvantagens na criação de equipas cinotécnicas especializadas?*

Definida a pergunta de partida, impõe-se orientar o presente estudo e escolher os métodos e procedimentos, a fim de se encontrarem respostas para a problemática exposta.

É na quarta etapa do processo científico que se enquadram as perguntas derivadas, cujo objetivo é completar a pesquisa face à pergunta central. Estas irão ter as respetivas respostas no decorrer da investigação e apresentam-se do seguinte modo:

1. Que impactos advêm da criação de equipas de exploração/esclarecimento?

2. Este tipo de equipa cinotécnica terá capacidade para participar numa operação?
3. Será que podem ser utilizadas por várias unidades do Exército, para além da sua aplicabilidade aos batalhões paraquedistas?

Os documentos e entrevistas têm como destinatários militares da área da cinotecnia, exclusivamente no Exército, e a sua análise observa os métodos e as técnicas utilizadas nas respostas às questões derivadas.

## **1.6. Estrutura do trabalho**

Com o objetivo de uniformização e de dar conformidade ao texto, este Trabalho de Investigação Aplicada cumpre as normas expostas no Anexo F à NEP 520/DE/30JUN2011/AM (2011), sendo constituído, assim, por cinco capítulos.

No capítulo 1, Introdução, é apresentada a ideia geral deste estudo, bem como o problema de investigação, o seu objetivo e os processos a ele associados.

No capítulo 2, Revisão de literatura, procede-se ao enquadramento teórico do tema em questão, referindo, como assunto principal: o cão, a sua aplicabilidade às Forças Armadas e as funções que desempenha no Exército.

No capítulo 3, Metodologia e procedimentos, faz-se alusão aos procedimentos a utilizar no desenvolvimento da vertente prática da investigação, apresentando-se os métodos e as técnicas usados para a aquisição de informações necessárias à resolução da problemática em questão.

No capítulo 4, Apresentação, análise e discussão de resultados, expõem-se os resultados obtidos na investigação, através da análise das respostas dadas às entrevistas realizadas ao público-alvo selecionado: a equipa cinotécnica ETP. Esta análise tem caráter descritivo e é sustentada por gráficos de frequência.

Por último, no capítulo 5, Conclusões e recomendações, apresenta-se a resposta à questão central e dá-se conta de informações relativas às questões derivadas, verificando-se a veracidade das hipóteses. Neste capítulo, pretende-se inscrever, também, breves indicações para trabalhos futuros, cuja temática se assemelhe a este trabalho.

## Capítulo 2

### Revisão de literatura

#### 2.1. O cão

Ao longo de milhares de anos, o cão e o ser humano têm sido companheiros, embora exista o debate sobre quando os lobos foram domesticados. A investigação indica que a domesticação sucedeu aproximadamente entre 10.000 e 40.000 anos atrás. Independentemente de quando e como esta parceria se desenvolveu, os canídeos têm efetuado tarefas essenciais para o homem (Krol, 2012).

Em termos históricos, os cães de guerra foram utilizados por diversos exércitos (egípcios, gregos, persas e romanos) e foram treinados para atacar o inimigo ou para proteger as caravanas e os fortes. Posteriormente, estes animais serviram para transportar mensagens ou para puxar carroças de feridos, nas batalhas. Desde a Segunda Guerra Mundial, os cães têm servido como mediadores em conflitos, um pouco por todo o mundo, desempenhando uma grande variedade de papéis: sentinelas, olheiros, mensageiros e detetores de minas (Krol, 2012).

Um novo papel para cães militares iniciou-se com um projeto de cão guia que treinou cães-guia para cegos veteranos do último conflito mundial. No entanto, percebeu-se que os soldados feridos também usavam o cão (*golden retriever*) para apoio emocional ao longo da sua reabilitação. Com base em observações de como estes homens e mulheres responderam à presença do cão, foi imaginada uma nova função para o maior amigo do homem. Surgiram, assim, os cães de terapia, uma "ferramenta" inovadora de combate ao *stress* das equipas operacionais (Krol, 2012).

O cão pertence à classe dos mamíferos e à ordem dos carnívoros terrestres. É um animal possível de domesticar que vive junto do ser humano, ajudando-o em diversas tarefas quotidianas, recebendo, como recompensa, a alimentação. É um dos animais que, ao longo de toda a humanidade, têm prestado dos melhores serviços ao homem. Nos dias de hoje, já existem canídeos por todo o mundo e a sua família é composta por vários géneros que se enquadram numa espécie classificável através de quatro denominações: chacais, lobos, raposas e cães (Ministério da Defesa Nacional, 2009).

O cão possui um mundo muito próprio, onde imperam leis incompreensíveis para o homem, daí ser imprescindível conhecê-las e interpretá-las para poder retirar os maiores benefícios das suas capacidades. Os canídeos são animais sociais e territoriais, ou seja, quando vivem em liberdade agrupam-se em matilhas organizadas e hierarquizadas. Nestes grupos organizados cada cão ocupa o seu lugar. Em diversas ocasiões e de um modo regular, a ordem hierárquica é contrariada e disputada por combates violentos e rápidos, mas nunca mortais (Ministério da Defesa Nacional, 2009).

O território é fervorosamente defendido contra a intromissão de estranhos. Para precaver os seus intrusos, o cão grava, nos seus territórios, marcas que tomam a forma de jatos de urina, deixados em vários pontos, sempre ao longo do mesmo itinerário.

Uma vez que o homem também pode ser um rival, o cão, ao levar a cabo um trabalho de guarda ou de perseguição, pistagem e pressentir a presença humana, reage na defesa do seu território. Para o caçar, o cão encontra pistas farejando o odor característico do homem. Os comportamentos e atitudes observáveis no cão podem ser de três tipos, segundo a situação em que se encontram: atitudes de dominação, de submissão e de agressão (Ministério da Defesa Nacional, 2009).

## **2.2. Proveniente do lobo**

Os cães utilizados pelas equipas cinotécnicas pertencem a raças em que a estrutura da chefia social se dispõe em linha vertical, ou seja, ao chefe, o número um, sucede o cão número dois e assim sucessivamente. O atual pastor alemão, antigamente denominado por “lobo de Alsácia”, descende dos cães pastores da Idade Média incumbidos de guardarem rebanhos nas encostas da Serra de Vosges. Ao longo dos anos, geraram-se cruzamentos entre estes cães pastores e os lobos de Vosges, de onde resultou uma nova raça que, durante séculos, teve como função principal proteger os rebanhos dos lobos.

Tipos de estrutura social	
<b><u>Estrutura vertical</u></b> <b>(tipo lobo)</b>	<b><u>Estrutura em linha</u></b> <b>(tipo chacal)</b>
Caracteriza-se por:	Caracterizada por:
- O nº1 é o chefe	- O nº1 é o chefe
- Os restantes animais dispõem-se da seguinte forma, em fila:	- Todos os restantes elementos se encontram, ao mesmo nível, e atrás do chefe (nº1).
- Nº2	
- Nº3	
- Nº4	
- Nº5	
- ...	
Cada sujeito respeita o que o precede.	

Fonte: (Ministério da Defesa Nacional, 2009)

**Tabela 1 - Tipos de estrutura social**

### 2.3. Treino de binómios

O treino de cães, quer seja para dar a pata ou transformá-lo num cão pastor, exige fundamentalmente tempo, paciência e algumas noções dos princípios básicos da aprendizagem.

É deveras importante que os treinadores conheçam e saibam explorar as particularidades dos cães para, assim, conquistarem a função de “chefe social” da matilha que a equipa cinotécnica representa. Para ser um treinador competente é necessário saber preencher o lugar correspondente na hierarquia da sociedade canina. A função do treinador de cães deve ser a de ajustar os mecanismos que se revelam no seu estado selvagem para dar satisfação às suas necessidades próprias e ainda suscitar, no cão, novas motivações (Ministério da Defesa Nacional, 2009).

Amestrar é uma arte que integra um conjunto de meios utilizados para capacitar os animais de determinados comportamentos. Tem como objetivo desenvolver as aptidões naturais do animal, tornando-o obediente e ensinando-o a cumprir uma ordem ou uma missão. Um elevado conhecimento da psicologia canina permite, através da observação

dos gestos e das reações, estudar e analisar os diferentes comportamentos do animal. Por outro lado, permite aplicar os princípios-chave de um corretotreinamento. Somente desta forma o treinador poderá modelar e educar o seu cão, tendo em conta o facto de se tratar de um ser sensível, que reage através dos seus instintos e da sua inteligência (Ministério da Defesa Nacional, 2009).

Sanders (1999) desenvolveu um estudo inovador em que o trabalho com cães e os seus treinadores indicam que as competências linguísticas são uma exigência para se promover a interação simbólica entre si. Ao falar para o cão, o treinador demonstra a intimidade do seu relacionamento com o animal e é também através deste processo de comunicação que constrói ativamente a identidade do canídeo (Arluke & Sanders, 1996).

Porém, a linguagem humana não pode ser utilizada unicamente para interpretar as relações com os cães, pois estes, como todos os animais, comunicam através de energia e de uma linguagem de emoções (Millan, Cesar's Way: The Natural, Everyday Guide to Understanding and Correcting Common Dog Problems., 2006). A partir do momento em que o cão reage à energia do seu treinador, este deve ter calma e ser assertivo para que o cão adote, também ele, uma atitude calma e submissa. Millan (2006) insiste que o treino deve ser composto por disciplina, exercício e carinho, por esta ordem precisamente, mas adverte para o facto de que as pessoas “nunca devem bater ou prejudicar de alguma forma o seu cão, em vez disso, devem usar o som, energia e contato com os olhos, ou uma correção física como o “toque”” (Millan, 2008, p. 131).

Irvine (2004) sugere que o treino de modificação de comportamentos baseado em recompensas se tornou muito popular, assim como atitudes sobre cognição animal se tornaram mais inovadoras. Os treinadores de cães e especialistas em comportamento (Pryor 2002; Fennell 2004; Dennison 2005, cit. in (Greenebaum, 2010) empregam o reforço positivo para ensinar a resposta automática através do condicionamento operante. Assim, de acordo com o condicionamento operante de Skinner, existem quatro tipos de reforço e punição:

**Reforço positivo:** adição de coisas boas (como um pequeno prazer) para reforçar o bom comportamento;

**Punição positiva:** adição de coisas más (como a punição física) para punir o mau comportamento;

**Reforço negativo:** retirar as coisas más para reforçar o comportamento (como apertar a coleira quando o cão inicia um mau comportamento e soltar a coleira quando o cão se porta bem);

**Punição negativa:** retirar as coisas boas (como uma bola) para punir o comportamento.

O treino baseado em recompensas utiliza as técnicas de reforço positivo e punição negativa como uma forma de premiar o comportamento desejado e de construir uma relação de confiança como cão, evitando sempre o contato físico violento e excessivo. Esta habilidade requer prática e a noção do *timing* certo, para que o cão possa entender exatamente o comportamento desejado ou o indesejado. O mais importante de tudo é que o treino reforce e fortaleça o relacionamento entre o animal e o treinador (Fennel, 2004).

## **2.4. Utilização nas Forças Armadas**

Desde a antiguidade que os cães são utilizados para proteção de vidas e de propriedades. Assim, o treino do cão e o seu uso têm sido constantemente aperfeiçoados. Na vida militar, ele serve para produzir uma amplificação melhorada, atualizada e versátil dos próprios sentidos do soldado, pois que até as máquinas mais complexas e sofisticadas permanecem incapazes de duplicar a eficácia operacional de uma equipa cinotécnica devidamente treinada.

De acordo com o Department of the Army (2005), as equipas cinotécnicas fornecem um recurso valioso para a polícia militar, infantaria e forças especiais, pois os cães possuem sentidos (visão, olfato, audição) que aumentam as suas capacidades de deteção e impedimento físico e psicológico à atividade criminal. A utilização de cães fornece uma dimensão adicional de força física, como uma alternativa à utilização de força excessiva.

A mesma fonte indica que os cães militares podem ser treinados para responder de forma consistente a certos estímulos sensoriais (imagens, sons, odores ou aromas) e alertar o seu treinador. Na maioria dos casos, um cão militar devidamente treinado pode cheirar, ouvir e detetar visualmente movimento melhor do que uma pessoa. Contudo, nem todas as equipas cinotécnicas são capazes ou estão equipadas para realizar todas as missões de modo igual.

Os cães das equipas cinotécnicas são recursos fundamentais para apoiar o combate da polícia militar, por isso são treinados para averiguação, patrulhamento e realização de pesquisas. Alguns destes cães também são treinados para controlar, embora não seja esta uma área de especialização. Todas as habilidades enunciadas podem contribuir para o sucesso das funções policiais militares em todo o espectro das suas operações militares.

Situações de uso potencial de cães militares	
Patrulha de perímetros e segurança de instalações	Segurança em pontos de controlo
Patrulha de segurança e/ou reconhecimento de estradas	Busca e salvamento em operações humanitárias
Pisteiros (batedores)	Manutenção de ordem pública
Inspeção de edifícios para uso das forças militares	Deteção de explosivos (pessoas, veículos, pacotes, ameaças de bomba, proteção VIP <sup>1</sup> )
Reconhecimento de áreas ou buscas	Deteção de armas; minas; narcóticos
Localização e recuperação em combate	Controlo de acessos
Guarda de prisioneiros	Proteção da força e operações antiterroristas
Esclarecedores (deteção de emboscadas, minas e armadilhas)	Segurança aérea (controlo e inspeção de aeronaves)

Tabela 2 - Situações de uso potencial de cães militares

Fonte: (Department of the Army, 2005)

Em relação a operações de resposta a crise, assegura-se que os cães podem ser utilizados em missões de proteção da força, de reserva e de defesa de pontos sensíveis. O emprego destes animais é deveras relevante nas missões em busca de armas, droga e explosivos, quer em viaturas e pessoas nos pontos de controlo, quer em armazéns, casas e outro tipo de instalações, bem como no controlo de tumultos e no patrulhamento das ruas (Exército, 2009).

Nas operações humanitárias, o trabalho dos cães tem-se revelado bastante significativo nos atuais TO, particularmente na deteção de pessoas em situações de catástrofe natural (procura de corpos em rios e de vítimas de maremotos) ou provocadas pelo homem (por exemplo, nos escombros das torres gémeas). Relativamente a outros tipos de operações de resposta a crise, o uso de cães enquadra-se em todos os tipos de situações, uma vez que podem efetuar missões tanto na busca e salvamento de pessoas, como na assistência a vítimas de desastres naturais ou provocados pelo homem, e garantir a segurança e proteção da força numa determinada área, executando a deteção de explosivos, armas, drogas e minas (Exército, 2009).

As equipas militares que usam cães executam um serviço valioso, ajudando a comunidade militar a livrar-se de drogas ilegais e de problemas a elas associados. Por outro lado, estas equipas são também muito úteis em pesquisas e investigações que envolvem explosivos contribuindo para aumentar a segurança de uma comunidade contra

<sup>1</sup>VeryImportantPerson



possíveis ameaças terroristas. Uma equipa cinotécnica bem treinada pode realizar uma busca significativamente mais eficaz numa determinada área ou instalação, num tempo muito mais curto e com menor número de indivíduos. A utilização destas equipas ajuda a reduzir o risco potencial de pessoas incumbidas de fazer a pesquisa, sem o benefício do sentido superior do cão que é o olfato (Department of the Army, 2005).

#### **2.4.1. Marinha**

Desde 1975 que na Marinha, em Portugal, se promove o trabalho com cães militares, mais especificamente na Escola de Fuzileiros do Vale de Zebro, onde subsiste uma divisão cinotécnica, composta por seis cães que cumprem missões no âmbito da deteção de drogas e de mais dois na deteção de explosivos (Exército, 2009).

#### **2.4.2. Exército**

Neste momento, o Exército Português dispõe de trinta e dois cães, de múltiplas raças, com distintas competências de trabalho e aptidões naturais, os quais se encontram distribuídos por duas unidades - Regimento de Lanceiros, com doze cães e Escola de Tropas Paraquedistas, com vinte -, estando as respetivas companhias cinotécnicas a atuar, diariamente, em missões variadas.

Todos os países voltaram a rever as suas estratégias de defesa e de segurança interna, tendo como consequência a implementação de regras e níveis de segurança, nunca antes vistos, nas suas fronteiras terrestres, marítimas ou aéreas (aeroportos). Nestes casos, o uso do binómio cão/homem foi adquirindo um papel cada vez mais importante, não somente como patrulha de segurança de perímetros, mas também na deteção de explosivos, prevenindo possíveis atentados à segurança pública (Exército, 2009).

Ao longo dos últimos anos, o planeta Terra tem vindo a sofrer notórias alterações climáticas, as quais se relacionam com a probabilidade da ocorrência de catástrofes naturais, como terremotos, ciclones, tufões ou maremotos. Neste contexto, verifica-se a necessidade dos países desenvolverem unidades cinotécnicas específicas de busca e salvamento, dentro das suas forças armadas ou das suas forças de segurança interna, pois só assim poderão responder de forma eficaz a convocações de carácter humanitário, em

território nacional ou em missões internacionais por todo mundo, integradas em unidades cinotécnicas de outros países (Exército, 2009).

O futuro da cinotecnia no Exército português poderá passar pela criação de mais equipas desta natureza, aumentando, assim, o número de cães militares ativos que, com a adequada formação e treino possam executar as mais variadas missões. Deste modo se poderá garantir o salvamento de inúmeras vidas humanas, contribuindo para o aumento do prestígio nacional e internacional do Exército Português e de Portugal(Exército, 2009).

#### **2.4.2.1. Paraquedistas**

Nas forças paraquedistas, os cães militares denominam-se por “cães de guerra”, uma tradição que atesta este grupo como a primeira força portuguesa a possuir cães militares e a utilizá-los em TO e a única força em Portugal, e das poucas no mundo, que salta com os cães em paraquedas. Recentemente, comemoraram o 50.º aniversário da cinotecnia nas Forças Armadas, atividade que se iniciou em 1957, quando o Subsecretário de Estado da Aeronáutica escreveu o seguinte despacho: “Deve constituir-se um canil no batalhão de caçadores paraquedistas, que não só se destina a fornecer cães para esta unidade como para todas as da força aérea (Cinotécnia Militar, 2006).

#### **2.4.2.2. Polícia do Exército**

Na Polícia do Exército Português, a cinotecnia militar iniciou-se em 1997, com apenas dois cães provenientes da GNR, da área de deteção de droga. Desde então, tem sido a Companhia Cinotécnica do Regimento de Lanceiros a promover o trabalho com cães militares, na área de deteção de droga, com sete binómios homem/cão, e na área de patrulhamento, com cinco (Cinotécnia Militar, 2006).

Todas as equipas cinotécnicas são treinadas para realizar missões de patrulha, em que um dos seus benefícios é a dissuasão da atividade criminosa. A presença destas equipas pode conseguir deter invasores, vândalos, pessoas violentas e outros potenciais criminosos. A contribuição do cão é mais eficaz quando é utilizado numa patrulha a pé.

### **2.4.3. Força Aérea**

No grupo da Força Aérea, os cães militares há muito tempo que são reconhecidos pela sua importância e utilizados. Nas bases aéreas, servem para dar cumprimento, por exemplo, às normas de segurança e o binómio homem/cão realiza o patrulhamento de segurança de perímetro (Cinotécnica Militar, 2006).

## **2.5. Na atualidade**

Quer no passado, quer na atualidade, devido às excecionais habilidades naturais de audição e olfato, unidas ao respeito que impõe pela sua presença, o cão tem alcançado resultados bem-sucedidos nos mais diversos TO. Com efeito, colocam de parte a utilização de certos equipamentos, por mais sofisticados que estes sejam. Nos cenários de conflito como a Bósnia, o Kosovo, o Iraque, Timor ou o Afeganistão, o cão encontra-se presente, realizando as suas missões com êxito, quer no patrulhamento e domínio dos motins nas ruas, quer na deteção de armamento, droga e explosivos, quer ainda no seguimento de rastros e deteção de pessoas (Exército, 2009).

Nos dias de hoje, além das missões atrás enumeradas, os cães prestam auxílio na deteção de pessoas em catástrofes naturais ou provocadas pelo homem e na proteção ao apoio humanitário. Deste modo, compreende-se que a sua empregabilidade é total. Atualmente, a utilização de cães militares é viável e praticável na maioria dos ambientes, dependendo apenas de quem chefia as operações e da predisposição ou da imaginação para enquadrar a cinotecnia da melhor maneira (Exército, 2009).

Embora limitações como o calor, a humidade e o excesso de vento possam influenciar o sucesso das missões, quando o treinador os retira do canil, estes cães militares estão sempre disponíveis para pôr em prática tudo o que lhes é pedido. Cabe aqui referir a importância do modo como são treinados, salientando a forte dose de brincadeira. Independentemente das condições físicas a que possa estar sujeito, a sua vontade de trabalhar é sempre de 100%, daí que a garantia do sucesso da missão dependa apenas da visão tática dos comandantes e do prévio conhecimento das limitações dos canídeos.

Pode-se concluir que os cães são uma mais-valia para as Forças Armadas, mesmo no contexto das atuais restrições orçamentais. A única coisa que exigem em troca do seu

extraordinário trabalho é o seu alimento, cama e umas boas festas por parte do seu treinador (Exército, 2009).

Hoje, mais do que outrora, recorre-se à utilização de cães para as mais variadas atividades, pois a cinotecnia dilatadiariamente o seu âmbito de atuação. Ao longo do tempo, ela tem vindo a conquistar adeptos e entusiastas, quer em países onde já fez história, quer noutros onde ainda se encontra em desenvolvimento. A presença do cão é determinada pela diversidade de missões que lhe podem ser confiadas, tornando-se indiscutível o seu interesse militar. Apresentam-se, seguidamente, as vantagens que o emprego dos cães oferece para fins militares, tal como o Manual de instrução cinotécnica da Força Aérea preconiza: (Manual de instrução cinotécnica da força aérea)

- Facilidade de aquisição;
- Manutenção económica;
- Qualidades peculiares utilizáveis na prática de trabalho;
- Desempenho de missões em substituição de pessoal, com absoluta eficiência;
- Desempenho de missões características, que só aos cães podem ser confiadas;
- Economia de pessoal;
- Efeito moral.

Após a fácil aquisição, o cão necessita de uma manutenção económica, sendo alimentado racionalmente, sem descurar os mais elementares cuidados. Poucos ou nenhuns problemas é necessário enfrentar para a sua manutenção. Além disso, possui atributos especiais que lhe conferem o estatuto de companheiro ideal do homem na execução das mais diversas missões. A sua doçura, afabilidade e fidelidade, aliados à extrema coragem, altruísmo, dedicação sem limites e extraordinária mobilidade são, a par dos apuradíssimos olfato e audição, algumas das qualidades que o tornam imprescindível e insubstituível (Manual de instrução cinotécnica da força aérea).

Existem missões, por norma entregues a pessoal militar, que seriam mais bem desempenhadas por estes cães. Refira-se, a título de exemplo, estar de guarda e sentinela. Quem melhor do que o cão que não dorme no seu posto e não se deixa vencer pelo cansaço? Quem melhor do que os cães pisteiros haverá que consiga seguir durante horas a pista de um fugitivo, sem outro indício que não seja um rasto invisível?

Também é de fácil conclusão a economia de pessoal que deriva do emprego do cão. Em missões de patrulha, ele facilmente executa o trabalho de três exploradores e, para dispersar rapidamente uma multidão, basta um cão de ataque e combate. (Manual de instrução cinotécnica da força aérea)

Por último, e não menos importante, outra vantagem se aponta para o emprego de cães militares nos dias que correm: é o resultado e o efeito moral que eles produzem sobre os elementos contra os quais se deseja atuar. Defrontando uma multidão, um cão treinado e dotado das características que lhe são peculiares é sempre um fator que interfere a favor da nossa segurança. (Manual de instrução cinotécnica da força aérea).

## **Capítulo 3**

### **Metodologia e procedimentos**

#### **3.1. Introdução**

Uma vez concluída a revisão de literatura, iremos passar para uma parte mais prática da investigação, a fim de obtermos informação necessária para resolver a problemática levantada.

Em diálogos com graduados da ETP, deparámo-nos com a necessidade de promover as capacidades das equipas cinotécnicas, dado que as considerámos pouco rentabilizadas. Após uma discussão mais detalhada, surgiu-nos a ideia de trabalhar este tema, pois, no nosso entender, o “esquecimento” destas equipas poderá pôr em causa a operacionalidade e a eficácia da unidade. Atendendo ao diálogo efetuado e à conclusão a que chegámos, tornou-se claro que seria uma boa temática para investigar.

#### **3.2. Método de abordagem ao problema**

Esta investigação é um estudo qualitativo, tendo em conta que “o objeto de estudo na investigação não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar e descobrir os significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho, 2005, p. 2). Caracteriza-se por ser “um fenómeno recentemente retomado, que se determina como um processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida quotidiana dos sujeitos” (Alves & Silva, 1992, p. 1). Os métodos suportam, em si mesmo, os interesses que regulam os resultados esperados, daí o investigador dever sempre procurar identificar os interesses humanos que se encontram por detrás das diferentes formas de investigar (Coutinho, 2011).

Quivy&Campenhoudt (1992), adiantam que uma “investigação é (...) um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os

desvios e as incertezas que isso implica. (...) Por conseguinte, o investigador deve obrigarse a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma a que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (p. 29).

Esta investigação é, ainda, um estudo de caso avaliativo de cariz qualitativo. Com ela, pretende-se averiguar se existem mais vantagens ou mais inconvenientes na criação de equipas cinotécnicas especializadas, na área de exploração/esclarecimento, e quais as repercussões que as existentes têm no exercício das funções do Exército.

Em investigação qualitativa não se parte de hipóteses, mas apenas de dados. Nesta medida, Carmo e Ferreira (1998) realçam o papel do investigador, alertando, ao mesmo tempo, para algumas fragilidades: “O investigador é o “instrumento” de recolha de dados; a validade e a fiabilidade dos dados dependem muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência. No entanto, a questão da objetividade do investigador constitui o principal problema da investigação qualitativa” (Carmo e Ferreira, 1998. p. 181).

Segundo Tuckman (2000), e de acordo com Bogdan e Biklen (1992), a investigação qualitativa tem cinco características:

- O próprio investigador recolhe os dados necessários à sua investigação;
- Primeiramente descreve o que observou/recolheu e só depois começa a analisar os dados recolhidos;
- Revela preocupação com todo o processo, com o que aconteceu, com os produtos e resultados finais obtidos;
- Procede a uma análise indutiva dos dados;
- Responde às questões “porquê” e “o quê”.

Nesta linha, Yin (1994) afirma que o objetivo do estudo de caso é explorar, descrever ou explicar. Também Guba e Lincoln (1994) defendem que o objetivo do estudo de caso é relatar os factos como sucederam, descrever situações ou factos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e reações presentes no acaso.

Atendendo a todas as referências anteriores, podemos dizer que a presente investigação é realizada com base numa exploração de um caso, na descrição do observado e do dialogado e na explicação dos dados recolhidos. Esta recolha efetuou-se através de observação direta e da análise de entrevistas aplicadas a uma amostra selecionada, podendo proporcionar um maior conhecimento e esclarecimento da temática.

Apresentado o método em que se baseia este estudo, queremos reforçar a ideia de que nos debruçaremos apenas nas forças cinotécnicas do Batalhão de Tropas Paraquedistas da ETP.

O paradigma da investigação qualitativa assume uma posição relativista e inspira-se numa epistemologia subjetivista que valoriza o papel do investigador como construtor do conhecimento. De um modo conciso, pode-se afirmar que o paradigma qualitativo pretende substituir as noções de explicação, previsão e controlo do paradigma quantitativo pelas de compreensão, significado e ação em que se pretende infiltrar no mundo pessoal dos sujeitos (Coutinho, 2011).

Como afirmámos anteriormente, esta pesquisa também é um “estudo de caso”, pois existe a “exploração de um único fenómeno, limitado no tempo e na ação, onde o investigador recolhe informação detalhada”(Coutinho, 2005, p. 2).

De acordo com Yin (2010), a utilização do método do estudo de caso é adequada quando as questões de pesquisa são do tipo “como” e “porquê” e quando o investigador possui pouco controlo de uma situação que, pela sua natureza, está introduzida em contextos sociais. Apesar de o investigador se servir de um quadro teórico referencial, como ponto de partida para a utilização deste método, alguns trabalhos deparam-se com situações em que os estudos experimentais não podem ser aplicados. Ou então, situações há em que estudos quantitativos não são sensíveis a fenómenos sociais. Segundo o mesmo autor, os estudos de caso significam muito mais do que apenas uma estratégia meramente explanatória, reforçando a existência de estudos de caso exploratórios, descritivos ou explanatórios. Defende, ainda, que em relação ao controlo de comportamentos, o método do estudo de caso possibilita a análise de uma situação onde não se possam fazer interferências para manipular comportamentos relevantes. Neste método, os dados são recolhidos a partir de múltiplas fontes, todas baseadas em relatos, documentos ou observações, o que significa que podem ser empregues dados de natureza quantitativa que estejam catalogados(Yin, 2010). Esta é considerada uma das grandes vantagens em relação a outros métodos de investigação qualitativa.

Atendendo ao método escolhido, atentemos, também, nas palavras de Schramm (1971) que afirma que o espírito do estudo de caso está na tentativa de esclarecer situações, percebendo qual o motivo da tomada de determinadas decisões, a forma como deverão ser implementadas e os resultados que se podem esperar.



Fidel (1992), por sua vez, esclarece que o estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo, isto é, investigações de fenómenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador.

Sousa (2009, pp. 137-138) acrescenta que o estudo de caso é “a compreensão do comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos ou de uma instituição, considerados como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural”.

Já Benbasat, Goldstein e Mead (1987) definem algumas características para o estudo de caso, a saber:

- Observação do fenómeno no ambiente natural;
- Recolha dos dados utilizando diferentes meios (observação direta, observação indireta, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, diários, etc.);
- Análise de uma ou mais entidades;
- Estudo aprofundado da complexidade da unidade;
- Pesquisa dirigida aos estágios de exploração, classificação e desenvolvimento de hipóteses do processo de construção do conhecimento;
- Não utilização de formas experimentais de controlo ou manipulação;
- Dispensa da especificação antecipada do conjunto de variáveis dependentes e independentes pelo investigador;
- Os resultados dependem fortemente do poder de integração do investigador;
- Possibilidade de serem feitas mudanças na seleção do caso ou dos métodos de recolha de dados, à medida que o investigador desenvolve novas hipóteses;
- Pesquisa envolvida com questões “como?” e “porquê?”, ao contrário de “o quê?” e “quantos?”.

Mais tarde, outros autores como Carmo e Ferreira (2009), citando Merriam (1988), definem outras características essenciais para o estudo de caso:

- Particular: baseia-se numa situação específica, fenómeno ou acontecimento;
- Descritivo: o resultado da investigação é uma descrição muito aprofundada do objeto de estudo;
- Heurístico: compreensão do fenómeno estudado;
- Indutivo: o estudo parte do particular para o geral;

- Holístico: tem em conta a realidade na sua globalização.

### 3.3. Técnicas, procedimentos e meios utilizados

A investigação foi desenvolvida no ano letivo de 2012/13, com base no seguinte cronograma:

CRONOGRAMA DE INVESTIGAÇÃO										
Ano 2012/2013	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Definições gerais da investigação (tema, problema, hipóteses)										
Pesquisa e Revisão da literatura										
Elaboração dos instrumentos de recolha de dados										
Seleção da amostragem										
Recolha de dados										
Tratamento e análise de dados										
Conclusões e aferição de resultados										
Redação final da investigação										

Tabela 3 - Cronograma de investigação

O cronograma apresentado expõe o tempo que nos propusemos disponibilizar para a realização de cada uma das etapas da investigação, constituindo um guia, pontualmente alterado devido a condicionalismos relativos à disponibilidade da amostra selecionada e a pequenas alterações impostas pelo calendário das atividades anuais que o autor deste estudo teve de respeitar. Ainda assim, este foi o instrumento orientador da organização temporal dedicada ao presente trabalho de investigação.

Para a prossecução do estudo, optámos pela investigação qualitativa, como antes afirmámos, configurada num “estudo de caso”, em que foram utilizadas técnicas de recolha de dados como a entrevista e a observação. Para a análise de dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Todas estas técnicas vão ser objeto de explicitação nos parágrafos que se seguem.

Começamos pelas técnicas de recolha de dados: a entrevista e a observação. Com efeito, a recolha de dados foi efetuada através de entrevistas estruturadas, que se revelaram “adequadas na obtenção de opiniões e impressões gerais; úteis para compreender a cultura

da organização e entender objetivos pessoais e organizacionais” (Kendall & Kendall, 1992, p. 4). Estas entrevistas foram aplicadas a cinco pessoas - um sargento, um soldado e três cabos -, com colocação atual na ETP, tendo como tempo de permanência nas equipas cinotécnicas dez meses; um ano e sete meses; dois, três e quatro anos, respetivamente.

Os dados em análise nesta pesquisa foram recolhidos através de entrevistas que se revelaram “fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (Duarte, 2004, p. 3).

Flick (2005) considera a entrevista como ponto de partida ou elemento essencial da pesquisa qualitativa, pois salienta o princípio da abertura. Esta postura vai para além da formulação de perguntas abertas, uma vez que a pesquisa qualitativa é caracterizada por um espectro de métodos e técnicas, adaptados ao caso específico, ao invés de um método padronizado único. Deste modo, o método deve adequar-se ao objeto de estudo. Nas entrevistas, as perspetivas de todos os participantes da pesquisa são relevantes e não apenas a do pesquisador (Flick, *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, 2005).

Desta forma, a entrevista foi aplicada pelo seu próprio autor, através de um guião de entrevista estruturada, previamente preparado, decorrendo de acordo com o cargo e a função dos participantes neste estudo, independentemente do seu nível de escolaridade, nível socioeconómico ou sexo.

Primeiramente, foi introduzida a entrevista, justificando-se a cada participante a pertinência do tema e a importância da recolha de dados. De seguida, foram colocadas as questões, pela ordem apresentada no guião de entrevista, e foram registadas todas as informações fornecidas pelo entrevistado em gravador com registo áudio e em bloco de notas.

A observação mereceu, igualmente, a atenção do autor deste estudo, pois permitiu-lhe descobrir como as coisas funcionam, de facto. Às competências de falar e de ouvir, utilizadas na entrevista, acresce o observar, outra competência comum aplicada na investigação qualitativa. A observação integra não só a perceção visual, mas também a perceção auditiva, tátil e olfativa (Flick, *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, 2005). A utilização de observadores, assim como a triangulação da observação com outras fontes de dados, aumenta a expressividade dos dados obtidos.

Através da observação do comportamento dos entrevistados, como expressões faciais, movimentos do corpo e olhos e tom de voz, ou seja, a observação da linguagem

não-verbal, foi possível perceber que estes profissionais consideram vantajoso o uso das equipas cinotécnicas. Porém, manifestaram o desejo de que estas equipas deveriam ser mais utilizadas em missões emTO e não apenas em demonstrações. Na realidade, uma das vantagens da observação é poder observar o lado mais sincero das pessoas, isto é, a linguagem não-verbal transmite mais informação do que simplesmente a linguagem verbal e, de um modo geral, confirma ou desmente o que a pessoa está a dizer.

Caracterizada a investigação, é chegado o momento de explicitar a técnica de recolha de dados utilizada. Demos preferencialmente importância à entrevista, uma vez que constitui o método mais eficaz para responder a questões que não se encontram disponíveis em documentação científica.

De acordo com (Ketele&Rogiers, 1999, p.39),“a entrevista é um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas selecionadas cuidadosamente, a fim de obter informações sobre factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações”.

A entrevista é, assim, uma das técnicas mais frequentes numa investigação e deve fornecer uma quantidade de informação que permita investigar e alcançar o objetivo do estudo. Deve também ser flexível, daí a existência de entrevistas semiestruturadas ou em aberto. Esta técnica requer condições que lhe sejam favoráveis, como por exemplo, o tempo dado, fluência da comunicação ou o diálogo bidirecional e oral. É importante que se estabeleça uma relação interpessoal, de empatia, entre o entrevistador e o entrevistado. Ela possibilita obter informação de determinadas pessoas que, de outra forma, seria impossível alcançar. As condições de realização devem ser controladas pelo investigador, pois o entrevistado deve estar concentrado, mesmo que a entrevista seja gravada.

Esta técnica de obter conhecimento, exige, porém, uma cuidada análise de conteúdo. Dêmos a palavra aos autores:

Segundo Morgan (1988), citado por Bogdan e Biklen (1994, p.134), uma entrevista “consiste numa técnica “utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”” (p.134).

As entrevistas podem ser de três tipos:

- Nãoestruturada, na qual não há questões pré-definidas; estas vão surgindo consoante as respostas que o entrevistado vai dando. Neste tipo de entrevista

pode existir alguma ambiguidade, uma vez que há maior facilidade em se fugir ao tema inicialmente proposto;

- Semiestruturada, na qual existe um guião que restringe as questões e as respostas a um tema específico. Caracteriza-se por ser flexível no tratamento das questões (Cohen et.al, 2001);
- Estruturada, na qual se apresenta “o conteúdo (...) de forma rígida” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 135), controlado pelo investigador. Este tipo aproxima-se do contexto quantitativo.

Para este estudo foi elaborado um guião (Apêndice A), a fim de obter as informações específicas e necessárias, registando-se as opiniões dos entrevistados sobre as vantagens e as desvantagens da utilização de equipas cinotécnicas no exercício das suas funções. O referido guião tem em conta a amostra dos indivíduos, a temática e os objetivos a atingir. Posto isto, foram criadas quinze questões específicas e sucintas, com a preocupação de não suscitar quaisquer dúvidas aquando das respetivas respostas. Este instrumento de recolha de dados foi apenas utilizado como linha orientadora, dando a possibilidade ao entrevistador de intervir oportunamente consoante uma maior necessidade de esclarecimentos. (Bicaro, Figueiredo, Cordas, & Pereira, 2010).

Para o presente estudo foi utilizada a entrevista semiestruturada, de forma a impedir que o entrevistado dresse respostas fora do âmbito temático e permitindo, por outro lado, colocar novas questões, consoante as respostas dadas pelo interlocutor.

Apresentamos, em seguida, uma tabela que mostra os objetivos específicos, as categorias e as questões colocadas aos entrevistados.

<b>Objetivos específicos</b>	<b>Categorias</b>	<b>Perguntas/questões</b>
Motivar para a entrevista	Apresentação	Informar quais os objetivos da entrevista, esclarecer que as informações vão ser mantidas sob anonimato e pedir permissão para gravar.
Identificar as vantagens da utilização das equipas cinotécnicas	Características positivas das equipas cinotécnicas	Em que situações é mais vantajosa a sua utilização? Quais são as vantagens da utilização das equipas cinotécnicas? Quais são as vantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/ esclarecimento?

Identificar as desvantagens da utilização das equipas cinotécnicas	Características menos positivas das equipas cinotécnicas	Quais são as desvantagens da utilização das equipas cinotécnicas? Em que situações é menos vantajosa a sua utilização? Quais são as desvantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento?
Utilizar as equipas cinotécnicas	Utilização das equipas cinotécnicas	Em que situações são as equipas cinotécnicas menos utilizadas? Em que situações são as equipas cinotécnicas mais utilizadas?
Aplicar os treinos nas unidades do Exército	Aplicabilidade dos treinos das equipas cinotécnicas no Exército	Qual é a aplicabilidade das equipas cinotécnicas nos batalhões da unidade em questão? Quais são os melhores métodos de treino para equipas cinotécnicas especializadas nas áreas da exploração ou esclarecimento? Este treino pode ser aproveitado por outras unidades do Exército ou em outras atividades operacionais?
Melhorar a aplicabilidade dos treinos e das situações	Melhoria dos treinos e da sua aplicabilidade	Quais são as situações em que poderão ser mais utilizadas, ou até mesmo ser incluídas, futuramente? O que deverá ser alterado para melhorar a sua eficácia?

Tabela 4 - objetivos específicos

Como oportunamente foi referido, para além deste método, utilizámos outro na abordagem do problema: a observação. Segundo Carmo e Ferreira (1998), a observação pode ser não participante, quando o investigador não interage diretamente com o objeto de estudo, durante a sua análise; participante despercebida pelos observados, quando o observador está presente no meio da amostra, mas não influencia as ações tomadas pelos

observados; participante, propriamente dita, quando o investigador assume um papel de observador presente junto da amostra, no decorrer da investigação.

Segundo May (2001), a observação participante permite ao “investigador estabelecer um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo” (p. 177), a fim de conhecer as características do grupo com quem está a desenvolver o trabalho.

Ao observar o objeto de estudo desta investigação, foi necessário recolher algumas notas consolidativas. As notas de campo foram um excelente auxílio para complementar a observação e a entrevista.

Entende-se por notas de campo “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha, refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 150). Ainda segundo os mesmos autores, elas visam “acompanhar o desenvolvimento do projeto, visualizar o modo como o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos e tornar-se consciente de como os entrevistados foram influenciados pelos dados”(pp. 150-151).

Este instrumento de recolha de dados tem como objetivo registar o que ocorre no momento da observação para que se verifiquem as ligações existentes entre os sujeitos e o contexto da investigação.

### **3.4. Amostragem**

Após a escolha do tema e a definição do público-alvo, determinámos a nossa amostra. Utilizámos, para o efeito, o método de amostra por conveniência, fixando-a em paraquedistas das equipas cinotécnicas: sargentos, soldados e cabos. Os entrevistados, num total de cinco – quatro do sexo masculino e um do sexo feminino - desempenham funções naETP.

A participação dos respondentes foi conseguida através do contacto com indivíduos que os referenciam. Relativamente ao sexo e à idade, a escolha foi aleatória, porém, decidida em relação às funções que ocupavam. Era fulcral para o desenvolvimento da investigação pertencer às equipas cinotécnicas.

Patton (1990) afirma que “provavelmente nada põe tão bem em evidência a diferença entre métodos quantitativos e qualitativos como as diferentes lógicas que estão subjacentes às técnicas de amostragem. (...) A investigação qualitativa, tipicamente,

focaliza-se em amostras relativamente pequenas, ou mesmo casos únicos, selecionados intencionalmente.”

Foi este o eixo que nos orientou. Para a seleção do nosso universo restringimo-nos à ETP, mais propriamente à secção de cinotecnia da unidade e daí partimos para a especificidade das características das unidades de exploração e esclarecimento. Eis os critérios que presidiram à constituição da nossa amostra. Recapitulando, ela é formada por cinco militares da referida unidade – um soldado, dois cabos e um sargento -, quatro elementos do sexo masculino e um do sexo feminino.

O primeiro contacto realizou-se com o primeiro-sargento paraquedista Bragança, aguardando-se a disponibilidade dos restantes elementos da secção para efetivação das respetivas entrevistas. (Apêndice B - lista de entrevistados).

### **3.5. Conclusão**

Todas as atividades, teóricas ou práticas, carecem de procedimentos adequados. Como tal, este capítulo tratou da metodologia adotada, considerada a mais conveniente ao objeto do nosso estudo.

Foram apresentados os métodos, as técnicas e os instrumentos postos ao serviço de uma pesquisa que se pretende de qualidade e tentámos clarificar o tema a ser trabalhado, bem como os sujeitos a estudar.

Trata-se efetivamente de um estudo avaliativo, pois não se pretende alterar nada nos sujeitos, apenas estudar as suas influências. Sendo uma avaliação qualitativa, recorreremos somente a entrevistas para delinear uma avaliação. Sabemos que este não é o único e exclusivo instrumento que pode ser utilizado em tarefas avaliativas, contudo, tratando-se da nossa primeira pesquisa, considerámos ser o mais adequado.

Em síntese, o capítulo que agora se encerra faz referência às nossas opções e ao caminho que, no nosso entender, melhor contribui para a realização da investigação proposta.



## **Capítulo 4**

### **Apresentação, análise e discussão de resultados**

#### **4.1. Introdução**

A análise de conteúdo é atualmente uma das técnicas mais comuns na investigação realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais. Trata-se de um método de análise textual que se utiliza em questões abertas de entrevistas. Normalmente utiliza-se esta técnica na análise de dados qualitativos.

Segundo a conhecida definição de Berelson, análise de conteúdo é “uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (1952). Para Bardin (1977), é “um conjunto de técnicas de análise visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (p.42).

Na nossa investigação, pretendemos analisar os resultados através de gráficos de dupla entrada, bem como proceder a uma análise descritiva de cada uma das respostas às questões da entrevista. Para concluir, apresentamos uma análise geral dos resultados obtidos, através da análise das entrevistas realizadas e das notas de campo recolhidas aquando da observação.

#### **4.2. Análise dos resultados**

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se aplica a conteúdos muito diversificados. O fator comum destas múltiplas técnicas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Em relação ao esforço de interpretação, a análise de conteúdo move-se entre dois polos: rigor da objetividade e profundidade da subjetividade. A maior vantagem deste método

polifuncional está no constrangimento por ele imposto de prolongar o tempo de latência entre as intuições ou hipótese de partida e as interpretações definitivas (Bardin, 1991).

Ao longo deste processo de análise de dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo que se entende como "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (Bardin, 2009, p. 44).

Após a transcrição de todas as entrevistas, num total de cinco, efetuadas aos profissionais pertencentes às equipas cinotécnicas, estas foram agrupadas, de modo a aglomerar todos os dados obtidos num só ficheiro. De seguida, e após terem sido apuradas as conclusões da análise das cinco entrevistas, foi criado um ficheiro que contém, de forma resumida, todos os dados relevantes de cada entrevista. Este passo realizou-se através de um processo de categorização, em que inicialmente foram criadas categorias com as grandes temáticas da investigação, como por exemplo, "Vantagens da utilização das equipas cinotécnicas". Posteriormente, foram desenvolvidas subcategorias integradas em cada categoria, como é o caso de "Características positivas das equipas cinotécnicas". De imediato, foram concebidas unidades de registo, em que são registadas e agrupadas as ideias fulcrais das respostas e opiniões de cada participante da investigação. Por último, surgem as unidades de contexto que representam e fundamentam os dados recolhidos, uma vez que são pequenos excertos ou citações das respostas obtidas pelos participantes.

Desta forma, através da análise de conteúdo usada na descodificação das respostas das questões de partida, conseguimos extrair respostas de forma objetiva para a perceção do nosso problema inicial: "As vantagens da utilização das equipas cinotécnicas".

Seguidamente dão-se a conhecer os resultados do presente estudo, após o respetivo tratamento e análise. As conclusões e aferições dos resultados apurados nas entrevistas são, igualmente, apresentadas.

#### **Questão n.º 1:**

Na questão nº 1, pretendemos saber:

*Quais são as vantagens da utilização das equipas cinotécnicas?*

De uma forma geral, os entrevistados referem três aspetos: cumprimento de missões que só os cães podem efetuar, maior apuramento dos instintos do animal quando comparados com os do homem e poupança de gastos ao utilizar equipas cinotécnicas.

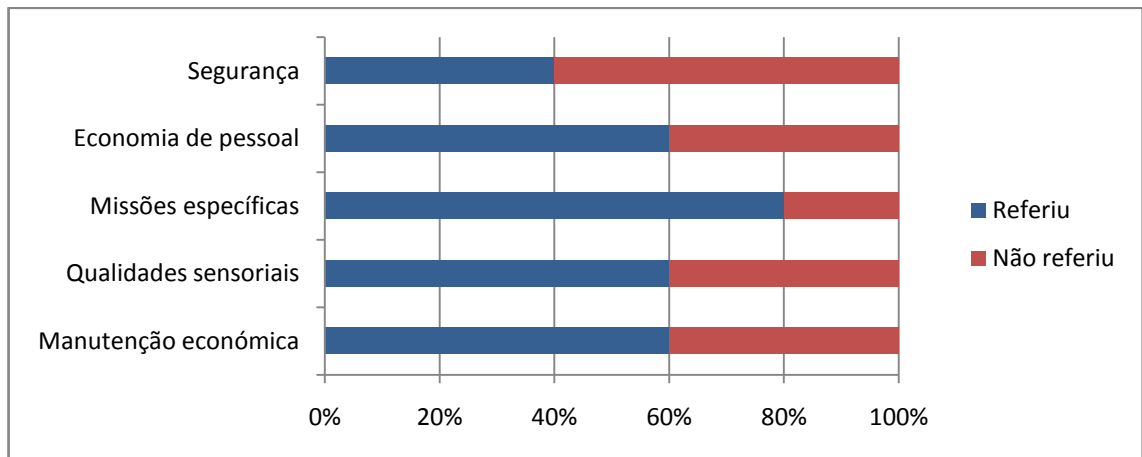


Gráfico 1 - Apresentação dos resultados da questão n.º 1.

Através da análise do gráfico, verificamos que 80% dos entrevistados apresentam, como resposta, o cumprimento de missões específicas; 60% a utilização das características sensoriais dos animais, bem como a capacidade de poupar recursos quer a nível do pessoal, quer a nível económico, e, por fim, 40% deles referem a aptidão para as missões de segurança.

#### **Questão n.º 2:**

Em relação à questão n.º2, procuramos saber:

*Quais são as desvantagens da utilização das equipas cinotécnicas?*

Pelas respostas obtidas, podemos concluir que se torna desvantajosa a utilização de equipas cinotécnicas, pois perdem rentabilidade em condições atmosféricas adversas, os treinos são morosos e, em grandes atividades, a concentração do cão pode não ser suficiente.

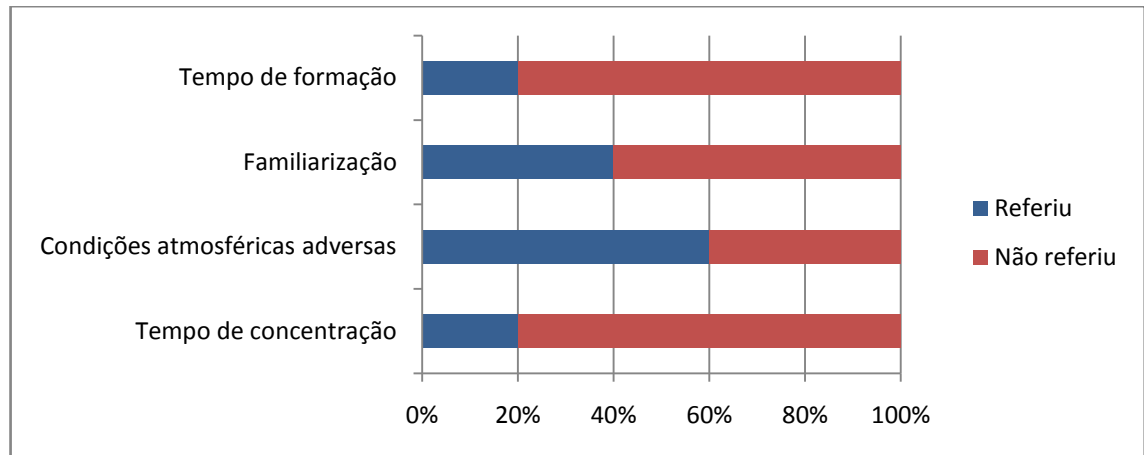


Gráfico 2 - Apresentação dos resultados da questão n.º 2.

Analisando o gráfico n.º 2, podemos observar que, para 60% dos questionados, as condições atmosféricas adversas representam o maior problema na utilização das equipas cinotécnicas; 40% apontam problemas relacionados com a ligação estabelecida entre o animal e o meio que o rodeia e 10% o tempo de formação a par do tempo de concentração do cão.

### Questão n.º 3:

No que diz respeito à questão n.º 3, é nosso objetivo saber:

*Em que situações é mais vantajosa a sua utilização?*

Podemos verificar que, para a maioria dos entrevistados, a utilização das equipas cinotécnicas é considerada muito vantajosa em missões de carácter ofensivo e/ou defensivo, assim como a sua implementação em áreas urbanizadas.

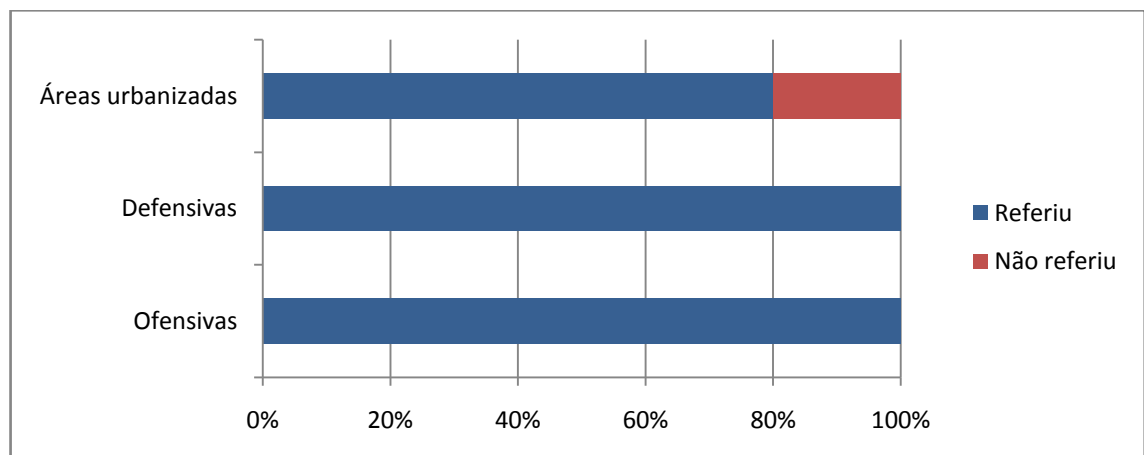


Gráfico 3 - Apresentação dos resultados da questão n.º 3.

Dos entrevistados, 100% respondem que a utilização das equipas é vantajosa, quer em operações ofensivas, quer em operações defensivas, e 80% faz alusão a operações em áreas edificadas.

**Questão n.º 4:**

No que concerne à questão n.º 4, queremos saber:

*Em que situações é menos vantajosa a sua utilização?*

Conclui-se que, para os entrevistados, a utilização de equipas cinotécnicas não levanta objeções, dado que nenhum deles refere qualquer tipo de problema.

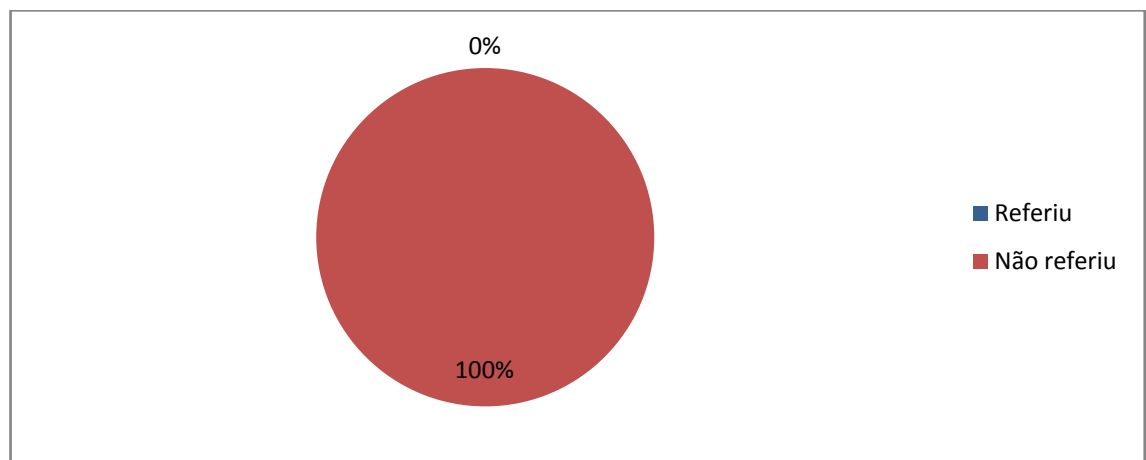


Gráfico 4 - Apresentação dos resultados da questão n.º 4.

Analisando o gráfico referente às situações em que a utilização dos binómios é menos vantajosa, 100% dos entrevistados não refere qualquer tipo de situação.

**Questão n.º 5:**

Relativamente à questão n.º 5, pretendemos saber:

*Quais são os seus pontos mais fortes?*

Podemos observar que em todas as respostas dadas pelos entrevistados os sentidos, muito mais apurados no cão relativamente ao homem, são a sua característica mais forte.

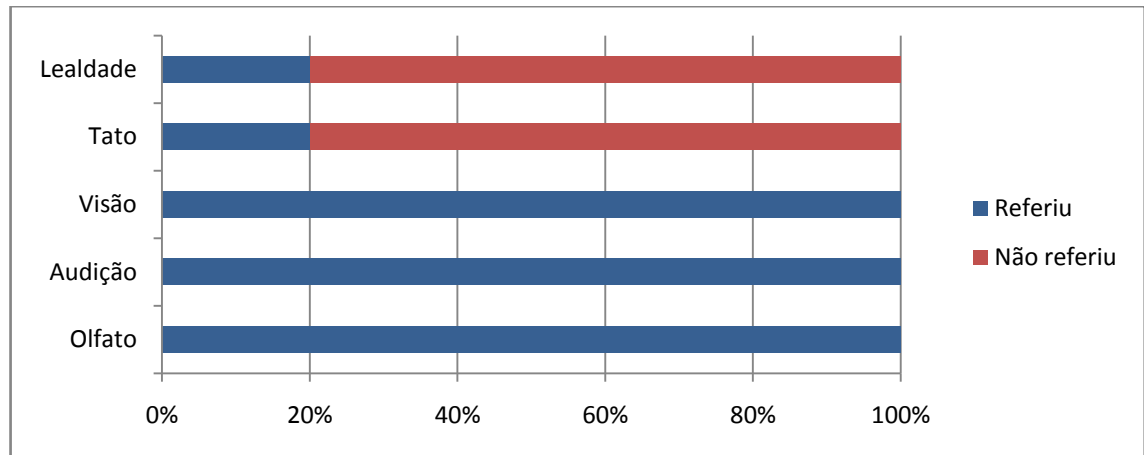


Gráfico 5 - Apresentação dos resultados da questão n.º 5.

A questão n.º 5 aborda os pontos mais fortes das equipas sendo estes, de acordo com 100% dos entrevistados, os sentidos, mais propriamente a visão, a audição e o olfato; o tato é referenciado apenas por 20% , tal como a lealdade.

#### Questão n.º 6:

Quanto à questão n.º 6, é nossa intenção saber:

*Quais são os seus pontos mais fracos?*

Constatamos que os entrevistados apenas referem o facto de as equipas terem dificuldades em trabalhar com condições atmosféricas adversas.

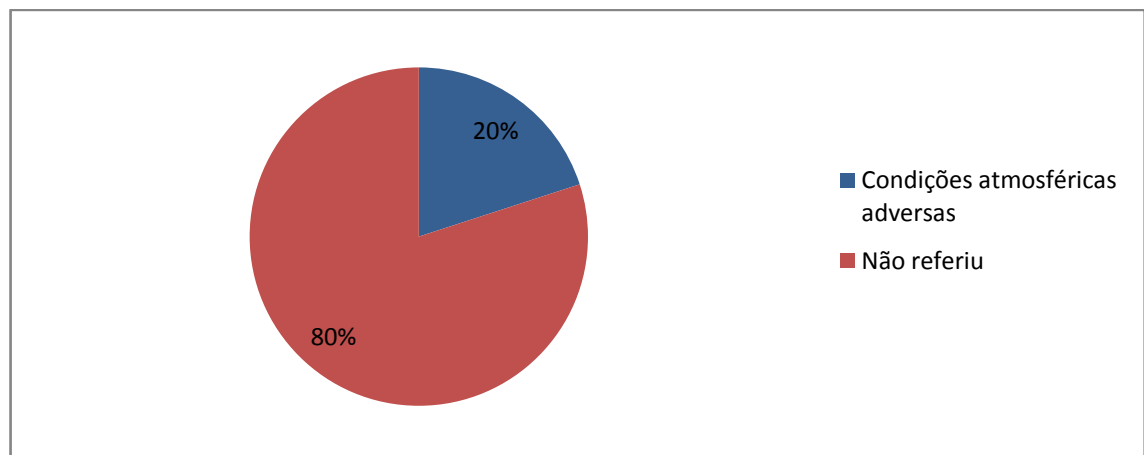


Gráfico 6 - Apresentação dos resultados da questão n.º 6.

O gráfico n.º6 apresenta os pontos fracos referidos pelos entrevistados: 20% mencionam as dificuldades de trabalhar com as equipas cinotécnicas em condições atmosféricas adversas; os restantes 80% não apontam quaisquer respostas desfavoráveis.

**Questão n.º 7:**

Em relação à questão n.º7, queremos saber:

*Em que situações são as equipas cinotécnicas mais utilizadas?*

Através da análise das respostas dos entrevistados, podemos salientar a utilização das equipas cinotécnicas na defesa ou segurança de instalações e infraestruturas e o seu uso em demonstrações e divulgações junto da população.

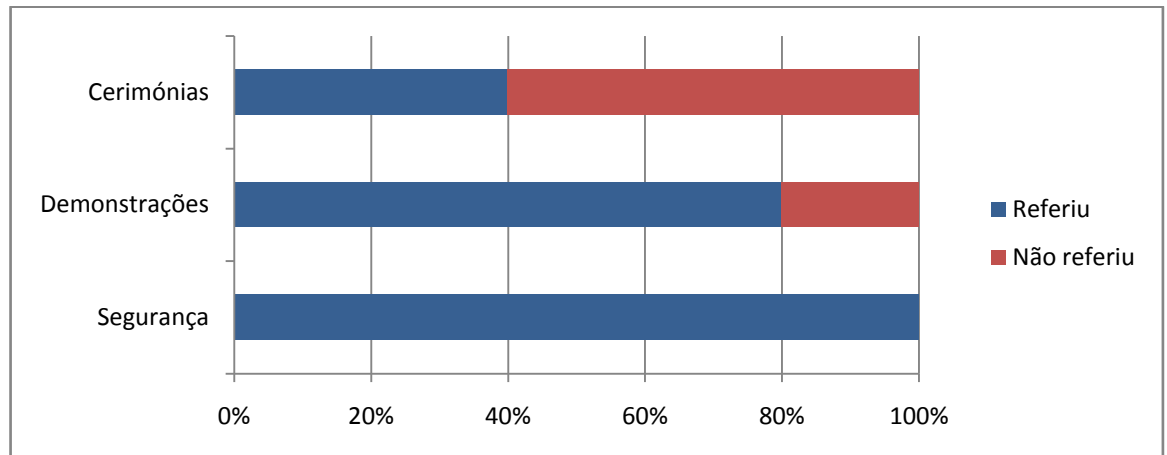


Gráfico 7 - Apresentação dos resultados da questão n.º 7.

O gráfico n.º 7 representa as situações em que as equipas cinotécnicas são mais utilizadas. Destaca-se a segurança, quer no âmbito de infraestruturas, quer a nível de pessoal, com 100% de referência por parte dos entrevistados. Entre estes, 80% aludem, ainda, ao seu uso em demonstrações para a população civil e 40% ao seu uso em cerimónias.

**Questão n.º 8:**

Na questão n.º8, propusemo-nos saber:

*Em que situações são as equipas cinotécnicas menos utilizadas?*

De uma forma geral, os entrevistados referenciam como situação menos propícia ao uso de equipas cinotécnicas os exercícios conjuntos com envolvimento de forças de atiradores.

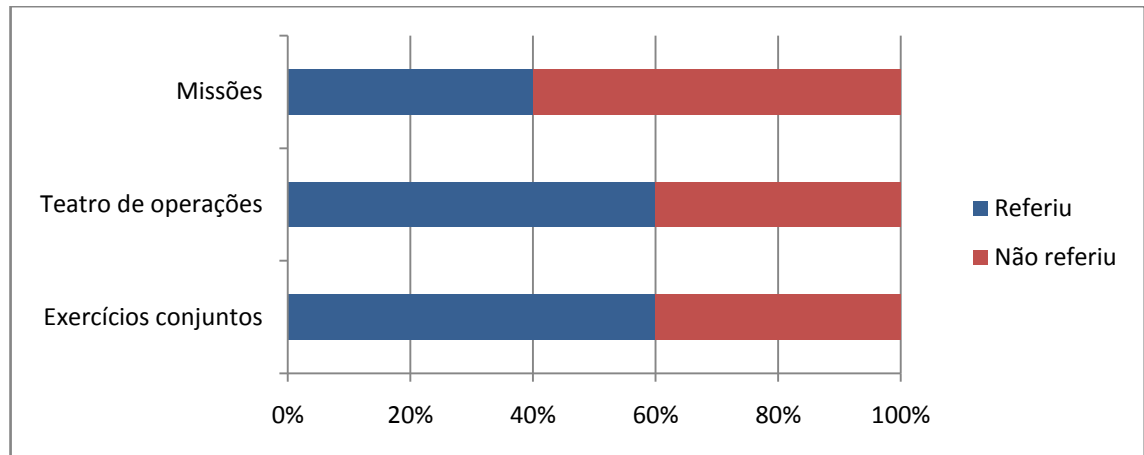


Gráfico 8 - Apresentação dos resultados da questão n.º 8.

Nográfico n.º8 estão representadas as situações em que as equipas são menos utilizadas: 60% dos entrevistados afirmam ser os exercícios em conjunto com outras forças e no TO e 20% afirmam não se verificar uma utilização muito frequente de equipas cinotécnicas.

#### Questão n.º 9:

Quanto à pergunta n.º9, é nosso intento saber:

*Quais são as situações em que poderão ser mais utilizadas, ouaté mesmo incluídas, futuramente?*

Observa-se, pelas respostas dadas, que, com alguma preparação, estas equipas podem participar em exercícios de treino tático e, num futuro próximo, registrar a sua participação em missões.

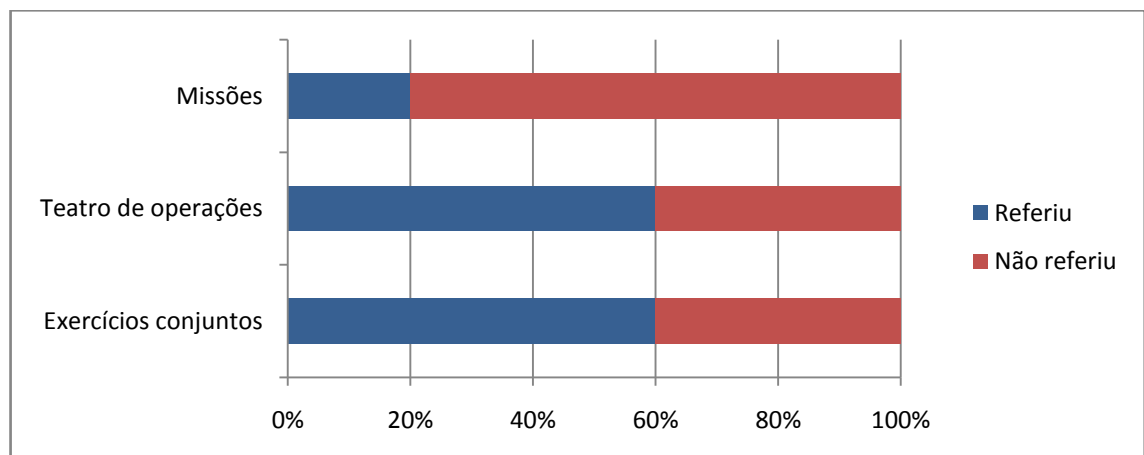


Gráfico 9 - Apresentação dos resultados da questão n.º 9.



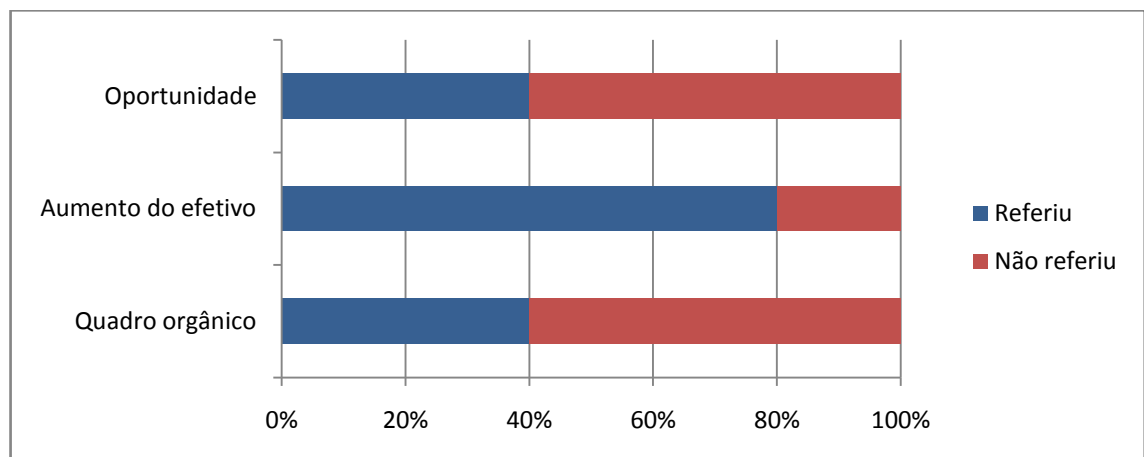
Neste campo, 60% dos entrevistados declaram que, tanto em TO como em exercícios conjuntos com outras forças, podem ser incluídas as equipas cinotécnicas; 20% reforçaram ainda a ideia da sua utilização em missões.

**Questão n.º 10:**

No que diz respeito à questão n.º 10, procuramos saber:

*O que deverá ser alterado para melhorar a sua eficácia?*

Verifica-se que existem efetivos em número muito reduzido nas equipas cinotécnicas e que a alteração no quadro orgânico poderá melhorar a eficácia não só de toda a equipa como também das suas condições de trabalho.



**Gráfico 10 - Apresentação dos resultados da questão n.º 10.**

Analisando o gráfico n.º 10, verificamos que 80% dos entrevistados sustentam um aumento dos efetivos, tanto ao nível de graduados como de praças, e 40% expressam que a alteração do quadro orgânico das equipas poderá melhorar a sua eficácia. Acrescentam, ainda, o alargamento de um leque de oportunidades, afim de estas equipas poderem mostrar o seu potencial.

**Questão n.º 11:**

Em relação à questão n.º 11, tratamos de saber:

*Quais são as vantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento?*

A maior parte dos entrevistados refere a segurança como a principal vantagem da utilização de uma equipa cinotécnica numa força. São de salientar, ainda, a confiança transmitida pelo binómio e a companhia que o animal proporciona.

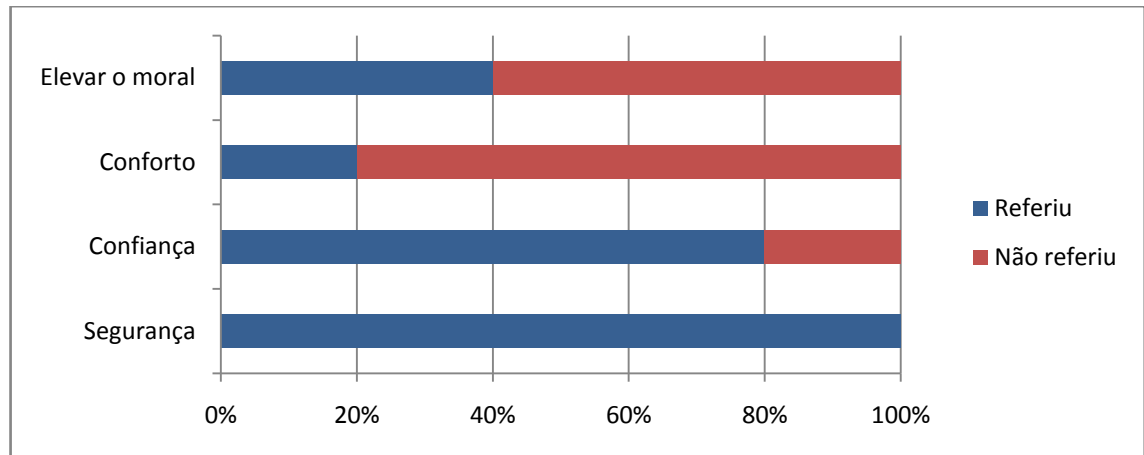


Gráfico 11 - Apresentação dos resultados da questão n.º 11.

O gráfico n.º 11 faz referência às vantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento e mostra: 100% de concordância quando se fala de segurança proporcionada pelas equipas; 80% quanto à confiança que é nelas depositadas; 40% relativamente à capacidade de elevar o moral das tropas e, por fim, 20% no que respeita à comodidade que o treino confere aos homens.

#### Questão n.º 12:

Relativamente à questão n.º 12, desejamos saber:

*Quais são as desvantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento?*

É possível observar, segundo as respostas dos entrevistados, que não existem desvantagens na utilização de equipas cinotécnicas neste tipo de missões.

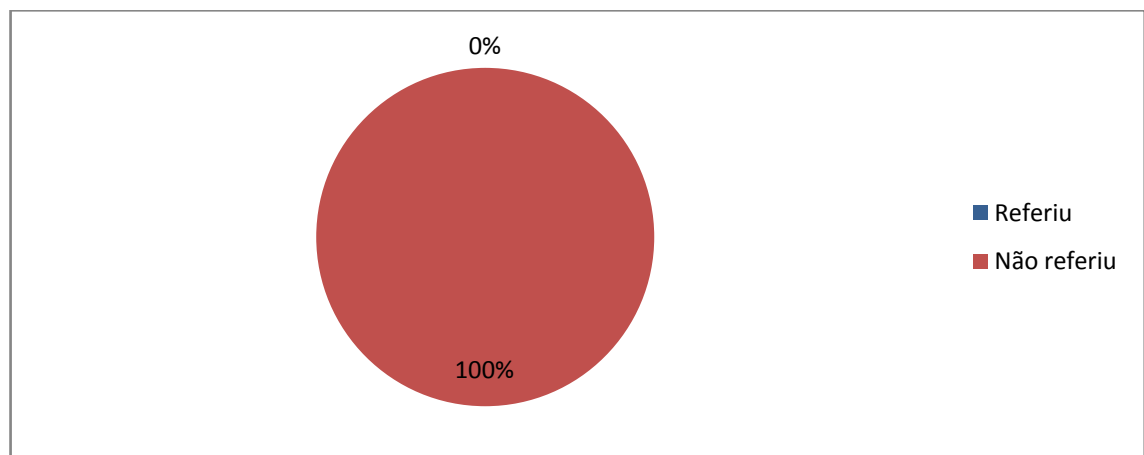


Gráfico 12 - Apresentação dos resultados da questão n.º 12.

No que concerne ao gráfico n.º 12, 100% dos entrevistados não adiantam qualquer tipo de desvantagem para o treino de equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento.

**Questão n.º 13:**

Com a questão n.º 13, é do nosso interesse saber:

*Este treino pode ser aproveitado por outras unidades do Exército ou em outras atividades operacionais?*

Na generalidade, os entrevistados concordam com a utilização deste treino noutras unidades, podendo, assim, toda a organização usufruir das suas vantagens e ser motivada para novos desafios, incluindo as próprias equipas cinotécnicas.

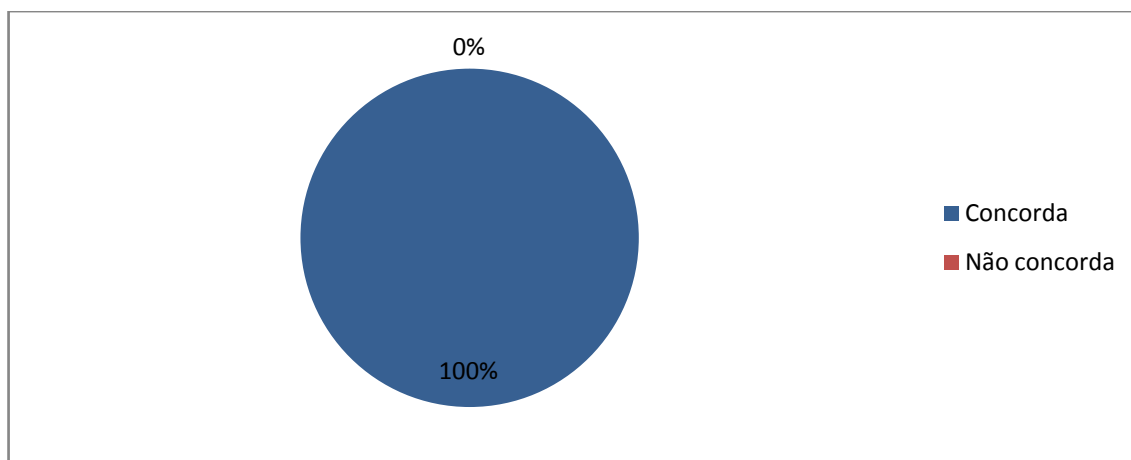


Gráfico 13 - Apresentação dos resultados da questão n.º 13.

De acordo com o gráfico n.º 13, verificamos que 100% dos entrevistados estão de acordo com a utilização das equipas cinotécnicas noutras unidades do exército.

**Questão n.º 14:**

Quanto à questão n.º 14, o nosso propósito é saber:

*Quais são os melhores métodos de treino para equipas cinotécnicas especializadas nas áreas da exploração ou esclarecimento?*

Mostra-se que o melhor método de treino reside na base da recompensa ou punição, consoante a resposta do animal ao estímulo do seu treinador. É de salientar a exploração dos instintos relacionados com a agressividade e com a capacidade de defesa, a fim de não perder o controlo do animal.

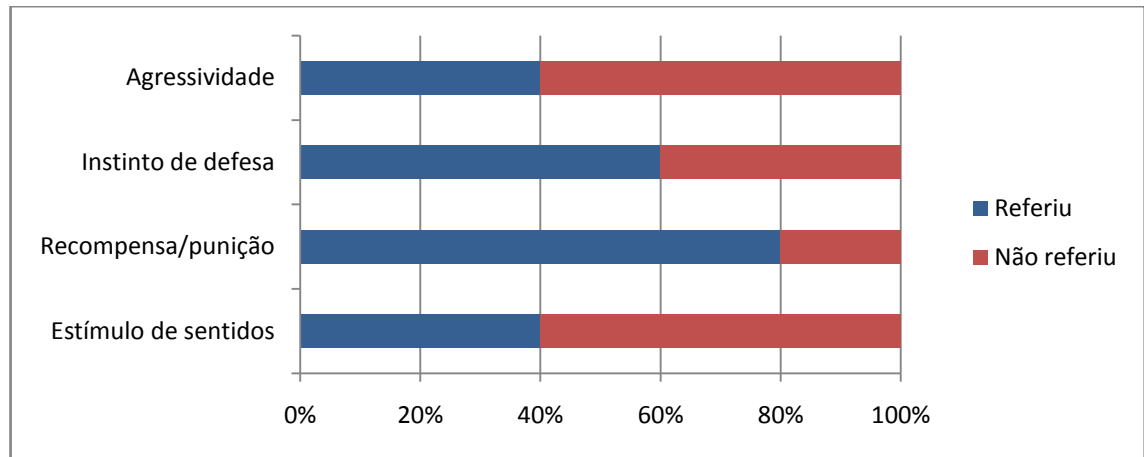


Gráfico 14 - Apresentação dos resultados da questão n.º 14.

O gráfico n.º 14 faz referência aos métodos de treino das equipas especializadas. Como se pode observar, 80% dos entrevistados indicam um treino através de recompensa ou punição, consoante as atitudes do animal; 60% sugerem o aproveitamento dos instintos de defesa do animal como fulcro da sua evolução e 40% mencionam a estimulação dos sentidos ou da sua agressividade.

#### Questão n.º 15:

Através da questão n.º 15, propomo-nos saber:

*Qual é a aplicabilidade das equipas cinotécnicas nos batalhões da unidade em questão?*

Tem-se como certo que a utilização de equipas cinotécnicas adquire um efeito significativo quando aplicada a outras forças, desde a potencialização da sua eficácia, devido aos instintos apurados do animal, até à demonstração de uma atitude ofensiva ou defensiva, consoante as situações.

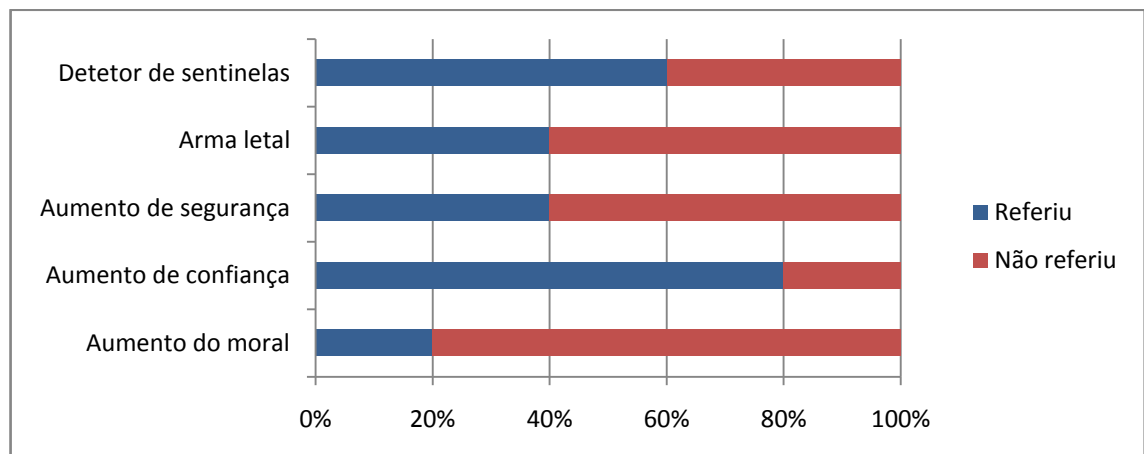


Gráfico 15 - Apresentação dos resultados da questão n.º 15.

Relativamente ao gráfico n.º 15, 80% dos entrevistados afirmam que a aplicação das equipas cinotécnicas amplia a confiança dos homens, 60% aduzem a capacidade de detetar sentinelas inimigas com muito mais facilidade e rapidez, 40% realçam a sua letalidade como uma arma, incrementando maior segurança, e 20% entendem que contribui para o aumento do moral.

#### **4.3. Discussão de resultados**

Os entrevistados põem em evidência as seguintes vantagens de utilização das equipas cinotécnicas: manutenção económica; qualidades sensoriais dos cães; substituição do homem e consequente economia de pessoal; eficiência e garantia de êxito; efeitos psicológicos, preventivos ou repressivos; poder de dissuasão e de deteção e defesa dos seres humanos (proteção). Em relação às vantagens da sua utilização, os profissionais inquiridos afirmam que “...há coisas que só os cães detetam”, que “os sentidos apurados do canino podem substituir um homem e efetuar missões especiais” e que “há missões que só estes animais têm qualidade” para conduzir ao sucesso.

Salienta-se que o uso das equipas cinotécnicas é mais vantajoso na deteção de droga/explosivos, nas equipas de intervenção, no controlo de tumultos, na guarda de bens/pessoas e em todos os tipos de missões dos atiradores, revelando-se determinante em desempenhos bem-sucedidos. Esta vantagem deve-se fundamentalmente, na parte ofensiva, ao ímpeto do cão e, na parte defensiva, ao seu olfato, audição e visão. De acordo com os participantes neste estudo, a integração dos caninos é determinante para o sucesso da missão”, é “vantajosa quer na defesa quer no ataque...” e pode apresentar vantagens “em qualquer tipo de TO, tanto em campo aberto, como em áreas urbanizadas”.

Os profissionais entrevistados assumem como vantagens do treino destas equipas: fazer “com que a tropa que tenha no seu conjunto um binómio cinotécnico se sinta mais segura e confiante em todas as ações”, uma vez que opera em qualquer sítio, com um moral e confiança muito mais elevados, dado que o homem pode contar incondicionalmente com o seu melhor amigo em qualquer intervenção. São reiterados, por todos os participantes, aspetos como a segurança, a confiança e o conforto em “qualquer tipo de ação”.

Relativamente às características menos positivas das equipas cinotécnicas, entendidas como desvantagens, os entrevistados apontam: o tempo de concentração do cão na ação; as condições atmosféricas adversas às ações específicas a desempenhar pelo cão; a logística (alimentação e saúde); o tempo e o espaço para o treino; a familiarização com elementos exteriores à “matilha”; a duração da ambientação a um novo espaço e o tempo de dedicação ao cão durante os treinos para que eles alcancem o seu melhor nível.

Como utilizações menos vantajosas, a maioria dos participantes manifesta a inexistência de desvantagens: “Não há situação menos vantajosa, já que o binómio pode ser o desenrolar da missão.” Tendo todos eles uma posição semelhante em relação a este assunto.

Os cinco entrevistados são unânimes em não reconhecerem desvantagens do treino das equipas cinotécnicas, limitando-se a registar: “Nada a referir.” e “Não tem desvantagem.”.

As situações em que as equipas cinotécnicas são menos utilizadas são as que a seguir se enumeram: exercícios conjuntos e TO; missões operacionais no estrangeiro, com forças de atiradores; treino tático; missões e exercícios com outras secções. Em contrapartida, as situações em que são mais utilizadas são as que se enunciam de seguida: segurança da unidade e das instalações; demonstrações de capacidades; deteção de droga/explosivos; guarda em acompanhamento; comparência em cerimónias; desfiles; demonstrações e divulgações e prestação de segurança a altas entidades.

Segundo os participantes nesta investigação, a aplicabilidade das equipas cinotécnicas deve-se ao efeito positivo, moral e psicológico que o cão tem quando integrado numa unidade de combate, tornando-se em mais uma arma aliada à missão. Os níveis de confiança aumentam, pois o animal converte-se em detetor de sentinelas inimigas, em arma letal ou não, dependendo do comando do seu treinador e do objetivo que o comandante da força quer dar à missão. O cão fornece mais confiança devido aos seus instintos que são muito superiores aos humanos, tal como sublinham alguns inquiridos: “...o cão acaba por dar maior confiança às forças envolventes pelos próprios instintos, pois todos os seus sentidos são muito superiores aos nossos.”; “O cão tem características específicas, como por exemplo, detetar o inimigo mais rapidamente que o homem. Isso faz com que o binómio se sinta mais confiante e ajude a garantir o sucesso da missão atribuída.”; “A aplicação do binómio num batalhão operacional é muito boa e o cão pode ser o elemento-chave em qualquer operação.”

Os membros das equipas cinotécnicas entrevistados são de opinião que os melhores métodos de treino para o esclarecimento ou exploração se baseiam na exploração de instintos inatos do cão (capacidade de defesa e guarda), em estimular a sua presa, na agressividade e defesa e em desenvolver uma grande ligação entre o treinador e o animal. Os melhores métodos firmam-se na base da recompensa. Deve-se ensinar-lhe o básico e dar-lhe o brinquedo, sempre que o canídeo cumprir a tarefa. São autores das palavras que se seguem os próprios entrevistados: “o cão é igual ao ser humano, tem sentimentos e gosta de brincar. Se faz uma coisa bem-feita, temos que recompensá-lo!”; “Explorar os instintos de defesa, agressividade e de presa... isso pode fazer-se com um simples brinquedo.”

Os sujeitos questionados para este estudo opinam no sentido de se proceder ao aproveitamento do treino noutras unidades do Exército: “O Exército deveria conhecer as componentes operacionais que possui e os cães são uma das muitas que se desconhecem; só uma pequena faixa dos militares sabe para que servem.” Segundo eles, este tipo de treino poderá realizar-se em exercícios conjuntos, dando a conhecer as capacidades do cão nas missões de todas as estruturas operacionais deste ramo das Forças Armadas: “Todos deveriam treinar em conjunto para haver mais confiança e melhor êxito nas operações.” É neste sentido que todos responderam afirmativamente em relação ao aproveitamento dos treinos das equipas cinotécnicas noutras secções ou forças do Exército: “...os cães são sempre uma arma de extrema importância em qualquer tipo de missão.”

Estes participantes sugerem, ainda, diversas situações em que deveriam ser incluídas, futuramente, as equipas cinotécnicas - exercícios conjuntos, TO, missões operacionais no estrangeiro, treino tático, missões e exercícios com outras secções -, alegando que “estão a ter treino para isso” e “seria um bem essencial para investir num pelotão.”

#### **4.4. Conclusão**

A análise dos resultados permite-nos concluir que os profissionais das equipas cinotécnicas consideram as suas equipas muito eficientes, deveras importantes para as missões, porém, subvalorizadas. As vantagens da utilização destas equipas são inúmeras e a vários níveis, quer para os seres humanos, quer para as infraestruturas ou para as Forças Armadas. O treino dos canídeos que compõem os binómios com os respetivos treinadores é cada vez mais específico e especializado, de modo a estar preparado para intervir em

diversas valências. As desvantagens destas equipas são quase nulas quando comparadas com as vantagens e benefícios da sua utilização. Os treinadores destes cães militares esperam uma taxa mais elevada de empregabilidade dos seus animais, uma vez que, na prática, estes são empregues maioritariamente em demonstrações de habilidades.



## **Capítulo 5**

### **Conclusões e recomendações**

#### **5.1. Introdução**

Este capítulo intitula-se “Conclusões e recomendações” porque é aqui que culmina o nosso trabalho de investigação qualitativa referente à utilização das equipas cinotécnicas. Após análise da bibliografia consultada e das respostas às entrevistas realizadas, é chegada a altura de dar respostas às perguntas derivadas deste estudo, bem como à questão central.

#### **5.2. Verificação das hipóteses de investigação**

Sabendo que a hipótese “é uma preposição provisória (...) que deve ser verificada” (Quivy&Campenhoudt, 1995, p. 137) e que no início desta investigação foram levantadas algumas hipóteses, objeto de esclarecimento do presente estudo, eis chegado o momento da verificação. Lembremos, antes de mais, as hipóteses formuladas:

Hipótese H1: Uma equipa cinotécnica possui capacidade superior para deteção através dos sentidos.

Hipótese H2: As equipas cinotécnicas podem facilitar o sucesso de uma operação.

Hipótese H3: A instrução pode ser conjunta e a manutenção da equipa será efetuada, posteriormente, na respetiva unidade.

De acordo com os dados apurados nesta investigação, podemos concluir que todas as hipóteses supracitadas e inicialmente propostas são aceites positivamente.

Tendo em conta a hipótese H1, os profissionais da área em questão afirmam que “os sentidos apurados do canino podem substituir um homem e efetuar missões especiais”; que “a utilização do cão em forças de atiradores é vantajosa, tanto na parte defensiva, pelas suas vantagens olfativas, auditivas e visuais, como na parte ofensiva, pelo seu ímpeto” e que “...o cão acaba por dar maior confiança às forças envolvidas pelos próprios instintos, pois todos os seus sentidos são muito superiores aos nossos.” Estas afirmações permitem-

nos inferir, então, que uma equipa cinotécnica possui capacidades importantes e superiores para deteção, através dos sentidos do próprio cão.

Relativamente à hipótese H2, esta confirma-se através de declarações como estas: “Há missões que só estes animais têm qualidade para conduzir ao sucesso.”; “O cão de guerra é essencial em todos os tipos de missões...”; “A sua integração é determinante para o sucesso da missão.” e “... os cães são sempre uma arma de extrema importância em qualquer tipo de missão.” Tais opiniões confirmam que as equipas cinotécnicas não só podem facilitar o sucesso de uma operação como são fundamentais e determinantes para o sucesso das missões.

Na terceira hipótese, H3, segundo os entrevistados deste estudo, “todos deveriam treinar em conjunto, para haver mais confiança e melhor êxito nas operações”; as equipas cinotécnicas “...estão a ter treino para isso e acho que seria um bem essencial para investir num pelotão” e deveria haver oportunidades de intervir “em exercícios conjuntos e em TO”. Deste modo, e de acordo com a opinião dos profissionais, a formação não só pode como deveria ser realizada em conjunto para que a integração fosse efetiva e, consequentemente, aumentados os níveis de eficácia.

Pelas declarações prestadas e perante os resultados obtidos na análise das entrevistas, podemos concluir que as hipóteses de investigação (H1,H2,H3) foram confirmadas.

### **5.3. Resposta às questões derivadas**

Da questão central apresentada decorrem algumas questões derivadas que, de certa forma, influenciam o sucesso da investigação, visto que procuram responder ao problema que deu o "pontapé de saída" ao presente estudo. Com estas questões, é possível verificar claramente a intenção e a direção que se pretende atribuir à investigação (Creswell, 1994). Recordemos essas questões derivadas:

Questão QD1: Que impactos advêm da criação de equipas de exploração/esclarecimento?

Questão QD2: Este tipo de equipa cinotécnica terá capacidade para participar numa operação?

Questão QD3: Será que podem ser utilizadas por várias unidades do Exército, para além da sua aplicabilidade aos batalhões paraquedistas?

Com efeito, o impacto que advém da criação de equipas de exploração/esclarecimento é muito positivo e reflete-se ao nível da segurança, como atestam os seguintes depoimentos: “este tipo de treino faz com que a tropa que tenha no seu conjunto um binómio cinotécnico se sinta mais segura e confiante em todas as ações”; “permite maior segurança ao binómio cinotécnico e maior conforto em qualquer tipo de ação”; “se o binómio tiver que sair para algum sítio, com a finalidade de operar segurança, vai com um moral muito mais elevado e uma confiança muito maior, já que tem o seu melhor amigo para intervir com ele”.

As equipas cinotécnicas especializadas nas áreas da exploração ou esclarecimento possuem capacidade para participar numa operação e também podem ser utilizadas por várias unidades do Exército, para além da sua aplicabilidade aos batalhões paraquedistas, de acordo com a análise dos dados recolhidos junto dos entrevistados. Alguns deles pormenorizam até os métodos de treino para o esclarecimento ou exploração: “Baseiam-se na exploração dos instintos inatos do cão, tais como, a capacidade de defesa e guarda. Despertamos a sua atenção para tudo o que seja estranho e, simultaneamente, trabalhamos a ativação ou estimulação da presa para que o cão brinque com o seu tratador e saiba também brincar com o brinquedo que este lhe dá de cada vez que o animal faça o pretendido.” O objetivo das equipas de exploração ou esclarecimento é “explorar os instintos de defesa, agressividade e de presa... e isso pode fazer-se com um simples brinquedo”. Importa realçar que os melhores métodos de treino e de ensinamento apontados se encontram na base da recompensa. Ensinar o básico e dar sempre ao cão o brinquedo é crucial, porque “um cão é igual a um ser humano, possui sentimentos e gosta de brincar. Se ele faz bem uma coisa, é claro que temos de brincar muito com ele e os cães gostam de brincar”.

Face a estas afirmações, é-nos permitido concluir que este tipo de equipas cinotécnicas oferece variadas vantagens e benefícios a todos os seus intervenientes e, consequentemente, aos seus públicos-alvo.

#### **5.4. Resposta à questão central**

Respondendo à questão central do nosso trabalho - “Quais as principais vantagens e inconvenientes na criação de equipas cinotécnicas especializadas?” - podemos

depreender, após o desenvolvimento do presente estudo, que as vantagens da criação das equipas cinotécnicas especializadas são inúmeras.

Nomeando essas vantagens, deparamo-nos com o “desempenho de missões específicas que só aos cães podem ser confiadas”; a “substituição do homem, com vantagem, no desempenho de determinadas missões”, a “eficiência e garantia de êxito; a integração do cão “ em todos os tipos de missões a atribuir à secção de atiradores”, como fator determinante para garantir o seu cumprimento e sucesso; a utilização do canídeo em forças de atiradores “pelas suas vantagens olfativas, auditivas e visuais, quer na parte defensiva, quer na ofensiva, pelo seu ímpeto”; ou a participação “em qualquer tipo de TO”. Após esta enumeração, concluímos, sem dúvida alguma, que a criação destas equipas acarreta enormes benefícios para as Forças Armadas, para as missões a cumprir nos diversos TO, para a população em geral e até mesmo para o país onde se encontram sediadas.

Em relação às desvantagens da criação destas equipas, os intervenientes não apontam obstáculos relevantes. A maioria responde inclusivamente: “Nada a referir”; “Não existem desvantagens na sua utilização...”; “Não há situação menos vantajosa, já que para todo o binómio pode ser o “desenrolar da missão”. Contudo, os inconvenientes destas equipas específicas podem ser apontados como os mesmos de qualquer equipa cinotécnica: o tempo de concentração do cão na ação; as condições atmosféricas adversas à realização de ações por parte dos canídeos; a familiarização com outros elementos caninos fora da sua “matilha”; o tempo de ambientação a um novo espaço e o tempo que é necessário para o animal alcançar a sua melhor *performance*.

### **5.5. Limitações à investigação**

No decorrer da investigação, foram surgindo algumas limitações no que toca ao desenvolvimento da temática selecionada. Uma delas prende-se com reduzidos conhecimentos no âmbito da elaboração e da aplicação de entrevistas, acabando por se perder algumas fontes de informação que poderiam conter aspetos relevantes no aprofundamento do tema.

Outro constrangimento ao progresso da investigação reside no facto de não haver uma orgânica muito extensa de equipas cinotécnicas no Exército, o que implica uma análise de dados muito restritos sobre a temática em causa. Associado a este

condicionalismo, verificámos que os homens destas equipas, quando estão prestes a atingir o seu máximo grau de eficácia como binómio, acabam por deixar a cinotecnia ou até mesmo a instituição militar, diminuindo, assim, a fonte de dados disponível para este tipo de investigação.

## **5.6. Propostas e recomendações**

Retiradas as conclusões, apresentam-se, seguidamente, duas propostas com o intuito de realizar estudos cada vez mais aprofundados sobre a temática da cinotecnia.

A elaboração do primeiro estudo incidirá sobre a formação do binómio cinotécnico em comparação com a prestação do serviço militar, no qual se pretendem ver confrontados os tempos atribuídos a cada uma destas vertentes e ajustar a respetiva duração, com o fim último de maximizar tanto a formação do ser humano como a do animal.

A realização dum estudo sobre o treino de equipas cinotécnicas que contemple os três ramos das Forças Armadas e as forças de segurança, a fim de encontrar um método de treino mais eficaz, que possa colmatar as lacunas das várias instituições e aproveitar as respetivas qualidades para garantir o sucesso na formação dos binómios, é a outra proposta (ousada) que aqui deixamos inscrita.

## Bibliografia

- Alves, Z., & Silva, M. (1992). *Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: uma proposta*.  
Ribeiro Preto: Universidade de São Paulo.
- Arluke, A., & Sanders, C. (1996). *Regarding Animals*. Philadelphia: Temple University Press.
- Bardin. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bicaro, I., Figueiredo, F., Cordas, J., & Pereira, M. 2. (2010). *Guião de entrevistas*. Lisboa: Universidade aberta.
- Cinotécnia Militar. (2006). 50º Aniversário da Cinotécnia Militar. *Revista "Boina Verde"*,  
Edição do Corpo de Tropas Paraquedistas.
- Coutinho. (2005). *Percursos da investigação em tecnologia educativa em Portugal: Uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985 – 2000)*.  
Braga: CIED, Universidade do Minho.
- Coutinho. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Creswell, I. (1994). *Research design: qualitative & quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Department of the Army. (2005). *Military Working Dogs*. Washington, DC: Field Manual Headquarters No. 3-19.17.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar, Curitiba*, n. 24, p. 213-225.
- Exército Português. (Fevereiro de 2010). Abreviaturas Militares. *PDE 0-18-00*.
- Exército, E.-M. D. (2009). Cinotecnia Militar: actualidade e futuro. *Jornal do Exército*,  
Ano L, nº582,.
- Fennel, J. (2004). *The Dog Listener: Learn How to Communicate with Your Dog for Willing Cooperation*. Collins Living.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor: Projectos e Edições, Lda.

- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Freixo, M. (2009). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Greenebaum, J. B. (2010). Training Dogs and Training Humans: Symbolic Interaction and Dog Training. VOL. 23(2) : 129-141.
- Irvine, L. (2004). *If You Tame Me: Understanding Our Connections with Animals*. . Philadelphia, PA: Temple University Press.
- Joint Chiefs of Staff. (2011). Special Operations. *Joint Publication 3-05*. USA.
- Kendall, K., & Kendall, J. (1992). *Systems Analysis and Design*. Prentice Englewood Cliffs: Hall International Editions.
- Krol, W. (2012). Training the Combat and Operational Stress Control Dog: An Innovative Modality for Behavioral Health. *THE ARMY MEDICAL DEPARTMENT JOURNAL* - [http://www.cs.amedd.army.mil/amedd\\_journal.aspx](http://www.cs.amedd.army.mil/amedd_journal.aspx), 46-50.
- Manual de instrução cinotécnica da força aérea*. (s.d.).
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2000). *Metodologia Científica* (3ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas.
- Millan, C. (2008). *Dog Whisperer with Cesar Millan: Ultimate Episode Guide*. . New York: Fireside.
- Millan, C. (2006). *Cesar's Way: The Natural, Everyday Guide to Understanding and Correcting Common Dog Problems*. New York:: Three Rivers Press.
- Ministério da Defesa Nacional. (2009). *Instrução de Treinadores - Tratadores de cães Militares*. Manual de Instrução Cinotécnica da Força Aérea. vol.1.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Sanders, C. (1999). *Understanding Dogs: Living and Working with Canine Companions*. Philadelphia, PA: Temple: University Press.
- Sanders, C. (2006). The dog you deserve: ambivalence in the K-9 officer/patrol dog relationships. . *Journal of Contemporary Ethnography* 35(2), 148–172.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Yin, R. (2010). *Estudo de Caso : planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

## **Apêndices**

### **Apêndice A – Guião de entrevista:**



## **ACADEMIA MILITAR**

**ASPIRANTE ALUNO DE INFANTARIA JOSÉ MANUEL  
MONIZ CUNHA**

**Orientador: Coronel de Infantaria José Duarte Costa**

**Coorientador: Coronel de Artilharia Luís Henriques**



Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

**Tema:** “*Novos Treinos de Equipas Cinotécnicas: vantagens e inconvenientes*”

**Entrevistados:** (Ver Apêndice B)

**Objetivos gerais:** Recolher dados sobre a temática, isto é, informação relativa às perceções que os militares ligados à cinotecnia possuem acerca da conjuntura atual, a fim de melhorarem o seu treino e terem a possibilidade de obter melhores resultados nas tarefas realizadas.

**Dados sociográficos:**

Nome

Posto/Função

Ano de ingresso

U/E/O de colocação atual

Tempo nas equipas cinotécnicas

**Formulário de questões:**

1. Quais são as vantagens da utilização das equipas cinotécnicas?
2. Quais são as desvantagens da utilização das equipas cinotécnicas?
3. Em que situações a sua utilização é mais vantajosa?
4. Em que situações a sua utilização é menos vantajosa?
5. Quais são os seus pontos mais fortes?
6. Quais são os seus pontos mais fracos?
7. Em que situações as equipas cinotécnicas são mais utilizadas?
8. Em que situações as equipas cinotécnicas são menos utilizadas?
9. Quais as situações em que poderiam ser mais utilizadas? Ou mesmo, serem incluídas, futuramente?
10. O que deveria ser alterado para melhorar a sua eficácia?
11. Quais as vantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento?
12. Quais as desvantagens do treino das equipas cinotécnicas de exploração/esclarecimento?

13. Este treino pode ser aproveitado para outras unidades do exército, ou em outras atividades operacionais?
14. Quais são os melhores métodos de treino para equipas cinotécnicas especializadas nas áreas da exploração ou esclarecimento?
15. Qual a aplicabilidade das equipas cinotécnicas nos batalhões da unidade em questão?

---

**Apêndice B – Lista de entrevistados:**

<b>Nome</b>	<b>Posto</b>
Samuel Batista	1º sargento
Ana Grangeia	1º cabo
Thomas Massot	2º cabo
David Vences	2º cabo
Nuno Tomaz	soldado RC

## Anexos

### Anexo A – Procedimento científico

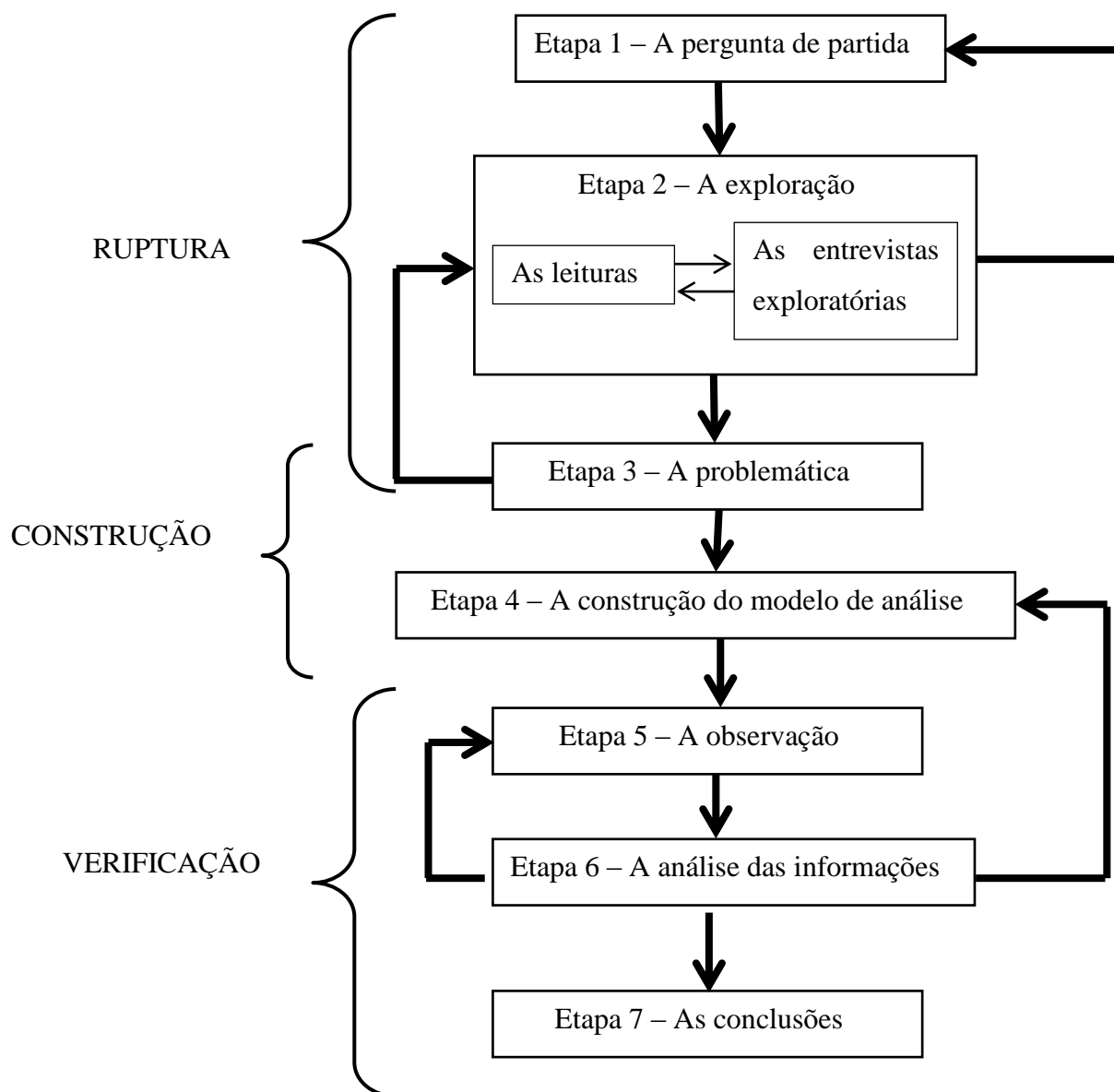


Figura – Atos e etapas do procedimento científico

Fonte: (Quivy&Campenhoudt, 1995, p.27)